ENSAIO MINO CARTA SUSTENTA QUE É IMPOSSÍVEL A DEMOCRACIA NO BRASIL, PAÍS PROFUNDAMENTE DESIGUAL E ASSOMBRADO PELO ETERNO GOLPISMO

ARMADILHA? A INADIMPLÊNCIA BATE RECORDES E OS ÓRGÃOS DE DEFESA DO CONSUMIDOR QUESTIONAM A EFICÁCIA DOS FEIRÕES DE RENEGOCIAÇÃO DE DÍVIDA

ELAS DECIDEM

AS MULHERES GARANTEM NESTE MOMENTO A VANTAGEM DE LULA E SÃO UMA BARREIRA ÀS INVESTIDAS DE BOLSONARO

CartaCapital
3 DE AGOSTO DE 2022 • ANO XXVII • Nº 1219

Sem uma distribuição solidária dos recursos, os desacertos do Brasileirão só aumentam. Pág. 18

Capa: Pilar Velloso. Foto: Suamy Beydoun/Agif/AFP

FOTO: THIAGO RIBEIRO/AGIF/AFP E ILUSTRAÇÃO: PILAR VELLOSO

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: **HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR**

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Camila Silva, Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VIDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Beatriz Loss, Caio César, Natane Pedroso e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Keisy Andrade
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
COORDENAÇÃO DE MARKETING DIGITAL: Shirley Tavares
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

POR UM FIO

Bolsonaro quebrou o Brasil. As empresas estão indo embora. Os combustíveis são cobrados com base no dólar. Carne, óleo e grãos, também. A conta de luz está um absurdo, mesmo com as represas transbordando. E a saúde respira por aparelhos.
Airton Feira

Insegurança alimentar, insegurança social, insegurança na saúde... Logo no governo que se elegeu para defender a segurança do "cidadão de bem".
Artur Pires

BOLSONARO, ARMAS E URNAS

Impossível passar em branco e não comentar os dois últimos textos do professor Luiz Gonzaga Belluzzo. No primeiro, ao evocar Machado de Assis, observa que vender uma "sobrinha" é tão intensamente vil quanto as negociatas atuais. No segundo, recorda o que o general Teixeira Lott fez para "impedir os arroubos golpistas da tigrada". Hoje, Lott insistiria em tentar impedir o derramamento de sangue, mas a maioria dos militares, milhares deles dentro do desgoverno, parece disposta a vender a própria "sobrinha".
Henrique Perazzi de Aquino

TRAIÇÃO À PÁTRIA

A leniência das nossas instituições deve-se à sua conivência e participação num dos maiores e mais cruéis ataques à democracia.
Orlando F. Filho

"Traidor da Constituição é traidor da pátria", disse o saudoso deputado Ulysses Guimarães. Bolsonaro é um traidor, pois descumpre e enxovalha a Carta Magna o tempo todo. Encontrou-se com os embaixadores para enlamear as instituições brasileiras e desacreditar o sistema eleitoral brasileiro. Como, se ele e todos os seus filhos e amigos se elegeram e se reelegeram por meio delas? O seu medo é mesmo o de ser preso por todos os seus crimes após as eleições.
Paulo Sérgio Cordeiro

CINCO TESES GOLPISTAS

Gato acuado. Se Bolsonaro perder a imunidade, será um cidadão comum. Pior, nos últimos anos, ele construiu forte inimizade no Judiciário. Os delegados da PF serão recolocados, quiçá promovidos e incumbidos de fazer uma devassa. Percebendo o desespero e a fragilidade do cliente, os advogados vão arrancar uma fortuna do capitão. Em janeiro, ele começará a colher tudo o que plantou.
Arlindo Henning

O ANTÍDOTO

Sempre claros e pertinentes são os editoriais de Mino Carta. A defesa da candidatura de Lula não é apenas óbvia, mas também imprescindível. No entanto, o otimismo para uma transição democrática não existe em face dos ininterruptos ataques do presidente ao sistema eleitoral. Mino apropriadamente compara tais disparates com aqueles de propagandas enganosas alimentícias e microbianas, mas tanto uns quanto outros encontram seus clientes – ou vítimas.
Adilson Roberto Gonçalves

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

Respaldo internacional

Na terça-feira 26, representantes de 19 organizações sociais brasileiras reuniram-se com o Departamento de Estado e congressistas dos EUA para pedir que reconheçam rapidamente o vencedor das eleições presidenciais de outubro, antes que Jair Bolsonaro cumpra a ameaça de não respeitar o resultado das urnas. "A atenção internacional é fundamental neste momento", explica Paulo Abrão, diretor-executivo do Washington Brazil Office (WBO), o *think tank* que organizou a viagem. Em um comunicado, as entidades instam o governo de Joe Biden a "reconhecer imediatamente o resultado" das eleições "tão logo o Tribunal Superior Eleitoral divulgue a contagem dos votos, independentemente de quem vença".

Manifesto/ O recado do PIB

Banqueiros e empresários reagem à escalada autoritária de Bolsonaro

"No Brasil atual, não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições." Esta é a conclusão de um manifesto em defesa da democracia gestado na Faculdade de Direito da USP e subscrito por influentes juristas, empresários e banqueiros. O texto não cita Jair Bolsonaro nominalmente, mas não há dúvidas em relação ao destinatário: "Ataques infundados e desacompanhados de provas questionam a lisura do processo eleitoral e o Estado Democrático de Direito tão duramente conquistado pela sociedade brasileira. São intoleráveis as ameaças aos demais poderes e setores da sociedade civil e a incitação à violência e à ruptura da ordem constitucional".

Até a quarta 27, o documento contava com mais de 160 mil signatários, entre eles os banqueiros Pedro Moreira Salles e Roberto Setúbal, do Itaú, e José Olympio Pereira, ex-presidente do Credit Suisse no Brasil. Entre os representantes do empresariado, figuram Walter Schalka (Suzano), Eduardo Vassimon (Votorantim), Horácio Lafer Piva (Klabin), Fábio Barbosa, Pedro Passos e Guilherme Leal (Natura). Sob o comando de Josué Gomes, dono da Coteminas e filho do ex-vice-presidente José Alencar, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo aderiu ao manifesto, a ser lançado em 11 de agosto, em São Paulo. Logo depois, foi a vez da Federação Brasileira dos Bancos.

Preparado em resposta à reunião de Bolsonaro com embaixadores, na qual o presidente lançou suspeitas infundadas de fraude nas eleições, o manifesto é inspirado na Carta aos Brasileiros de 1977 – um texto de repúdio à ditadura, redigido pelo jurista Goffredo Silva Telles e também lido na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Referindo-se ao motim do Capitólio, insuflado por Donald Trump nos EUA, o documento é taxativo: "Lá, as tentativas de desestabilizar a democracia e a confiança do povo na lisura das eleições não tiveram êxito, aqui também não terão".

O manifesto é subscrito ainda por 12 ex-ministros da Suprema Corte, a exemplo de Carlos Ayres Britto e Celso de Mello, e numerosos juristas, como Celso Antônio Bandeira de Mello e Pedro Serrano, este último colunista de *CartaCapital*. Vários artistas, como Chico Buarque e Dira Paes, uniram-se a eles. Economistas que atuaram na política econômica brasileira em diferentes períodos históricos também assinam a peça, a exemplo de Arminio Fraga, Edmar Bacha e Luiz Gonzaga Belluzzo, consultor editorial de *CartaCapital*.

Roberto Setúbal, Horácio Lafer Piva e Guilherme Leal unem-se ao jurista Bandeira de Mello na defesa da democracia

PGR/ Em cima do palanque

Augusto Aras enterra os inquéritos da CPI da Covid e embala o discurso para Bolsonaro explorar nas eleições

Desgastado com a fama de engavetar todo e qualquer inquérito que ameace Jair Bolsonaro, o procurador-geral da República, Augusto Aras, adotou nova estratégia: escalou sua vice, Lindôra Araújo, para recomendar ao Supremo Tribunal Federal o arquivamento de sete das dez apurações preliminares abertas após a conclusão dos trabalhos da CPI da Covid.

A comissão do Senado havia solicitado, em cinco dessas apurações, que o presidente fosse indiciado pela prática de nove crimes, entre eles charlatanismo, prevaricação e epidemia com resultado de morte. Parte das apurações atingiram ainda o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, seu antecessor, Eduardo Pazuello, e o ex-ministro da Casa Civil Braga Netto.

Em seu despacho, Lindôra afirma que as conclusões da CPI foram formadas com "incontrastável juízo político", mas que não havia indícios para o prosseguimento das apurações. Agora, a oposição ameaça apresentar

Desta vez, ele usou uma "testa de ferro", acusa a oposição

na Suprema Corte uma denúncia contra Aras e sua "testa de ferro" por prevaricação, quando um funcionário público atrasa ou deixa de agir de acordo com as obrigações de seu cargo para satisfazer interesses pessoais.

Em entrevista ao canal de *CartaCapital* no YouTube, na terça-feira 26, o senador Humberto Costa, integrante da CPI, disse ter se surpreendido com o fato de a PGR não acionar a Polícia Federal para apurar o caso. Para o parlamentar petista, a impressão é de que o Ministério Público Federal buscou ceder a Bolsonaro "um atestado de idoneidade antes das eleições".

Nova ameaça viral

Com 813 casos confirmados de varíola dos macacos (Monkeypox), o Brasil vive uma situação "muito preocupante", afirma a líder técnica da Organização Mundial da Saúde para a doença, Rosamund Lewis. De acordo com a especialista, os registros das infecções podem estar subnotificados por não haver testes suficientes à disposição. "É importante que as autoridades também tomem conhecimento da emergência de saúde pública e de interesse internacional, das recomendações e adotem as medidas adequadas", declarou. O Ministério da Saúde diz tratar o tema com prioridade, mas o negacionismo do governo no auge da pandemia de Covid-19 deixa as autoridades sanitárias ressabiadas e em alerta.

Igreja Universal/ O REINO DE MACEDO

CARTACAPITAL LANÇA SÉRIE DOCUMENTAL SOBRE O IMPÉRIO RELIGIOSO

O canal de *CartaCapital* no Youtube lançou, na quarta-feira 27, a série documental *Poder Universal*, que revela como uma igreja fundada em um salão funerário na década de 1970 tornou-se um império religioso, com forte influência na política nacional. O primeiro episódio, também disponível nas plataformas de *streaming* no formato de *podcast*, mostra como Edir Macedo incorporou na Igreja Universal do Reino de Deus uma verdadeira estrutura empresarial, que assegurou a sua forte expansão.

A série conta com entrevistas da antropóloga Jacqueline Teixeira, da cientista social Lívia Reis e do jornalista Gilberto Nascimento, autor do livro *O Reino – A História de Edir Macedo e Uma Radiografia da Igreja Universal* (Companhia das Letras). Com roteiro e reportagem de Marina Verenicz, produção de Carlos Melo e edição de Natália Moraes e Natane Pedros, os episódios serão publicados sempre às quartas-feiras.

Hoje o bispo controla uma rede de tevê, um partido político e um banco

MPF, REDES SOCIAIS, JOSÉ PAULO LACERDA/CNI E MONIKA FLUCKERIGER/WEF

A Semana

De olhos abertos

A instalação de câmeras nos uniformes dos policiais derrubou a letalidade policial no estado de São Paulo. Com 202 vítimas contabilizadas entre janeiro e junho deste ano, as polícias Civil e Militar chegaram ao menor indicador para o primeiro semestre desde 2005, quando essa taxa era de 178. O número de mortes teve queda de 41,1%, quando comparado com o mesmo período do ano passado, e de 60,7% em relação ao número de vítimas registradas entre janeiro e junho do ano anterior.

Rio de Janeiro/ A morte pede votos

Cláudio Castro promove nova chacina policial, a quarta mais letal no estado

O Ministério Público do Rio de Janeiro vai investigar a operação policial no Complexo do Alemão, na Zona Norte da capital fluminense, que deixou 18 mortos em dois dias e é considerada a quarta mais letal da história do estado. A Promotoria recebeu dezenas de denúncias de abusos cometidos pelas forças de segurança. Um policial e duas moradoras da comunidade morreram nos confrontos.

Nas primeiras horas da operação, o PM Bruno de Paula Costa foi abatido com um tiro no pescoço e Letícia Marinho Sales, de 50 anos, acabou atingida no peito, logo após sair de uma igreja. Já Solange Mendes da Cruz, de 49 anos, foi baleada na cabeça no dia seguinte, quando foram registrados novos tiroteios. Familiares de Letícia acreditam que os policiais atiraram por confundir o carro dela com o de criminosos. Dos 15 suspeitos mortos, dez possuíam anotações criminais, a maioria por tráfico.

Em busca da reeleição, o governador Cláudio Castro, do PL, tem intensificado as incursões nas comunidades cariocas. Das quatro maiores chacinas policiais da história do Rio, três ocorreram em sua gestão, iniciada em agosto de 2020. Na avaliação da antropóloga Jacqueline Muniz, da Universidade Federal Fluminense, ele investe em uma espécie de "marketing do terror", para difundir a sensação de insegurança na população e, assim, angariar votos com sua política de confrontação.

A trágica cena tornou-se corriqueira nos morros

Mianmar/ AS PRIMEIRAS EXECUÇÕES

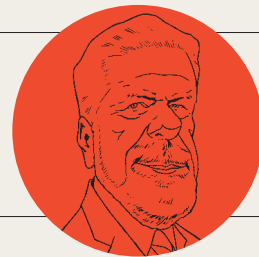
JUNTA MILITAR RETOMA APLICAÇÃO DA PENA DE MORTE CONTRA OPOSITORES

Dezenas de dissidentes foram condenados após o golpe de 2021

Um ano e meio após o golpe de Estado que derrubou o governo eleito de Mianmar, a junta militar retomou a aplicação da pena de morte no país, com foco na eliminação de dissidentes políticos. Na segunda-feira 25, a mídia estatal confirmou a morte de quatro prisioneiros, incluindo o ex-deputado Phyo Zeya Thaw, do partido pró-democracia NLD, e o ativista Kyaw Min Yu, conhecido como "Jimmy", que teve importante papel na revolta estudantil de 1988, ano da última execução no país até então.

Desde que assumiu o poder, a junta militar condenou à morte dezenas de opositores que resistiram ao golpe. A alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, disse estar "consternada" com as execuções, que classificou de medida "cruel e regressiva". O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, condenou a decisão, chamando-a de "flagrante violação do direito à vida, à liberdade e à segurança das pessoas". O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, também repudiou as mortes dos dissidentes e denunciou "o total desprezo, por parte do regime, pelos direitos humanos e o Estado de Direito".

MAURO PIMENTEL/AFP E STR/AFP

JAQUES WAGNER

Serenidade na luta

▶ O conflito só interessa aos nossos adversários. Temos de ser firmes na defesa da democracia, e assim o faremos. Mas de maneira respeitosa, pacífica e propositiva

Com a proximidade do período eleitoral, o Brasil encontra-se diante de nova encruzilhada política que pode nos levar a dois destinos muito diferentes. De um lado, o aprofundamento da crise institucional em que o País está mergulhado, com ameaças reais e diárias à democracia e com o agravamento dos dramas nacionais. De outro, a possibilidade de voltar a sonhar com dias melhores, interromper este ciclo perverso de retrocessos, restabelecer direitos e recolocar o Brasil no caminho do desenvolvimento.

A experiência brasileira dos últimos anos comprovou na prática o quanto o chefe do Executivo possui, enquanto líder de uma nação, o poder de pacificar ou de conflagrar o ambiente democrático. O atual presidente mostrou, em diversos episódios da história recente, que é totalmente despreparado. Além de não ter qualquer projeto para o Brasil, é incapaz de externar solidariedade ao ser humano. Vimos isso diante das mais de 670 mil vidas perdidas por conta da pandemia e diante de episódios de violência que resultaram nas mortes de Bruno Pereira e Dom Philips, na Amazônia, e de Marcelo Arruda, em Foz do Iguaçu.

Por conta desse estilo insensível e antidemocrático, capaz de produzir uma guerra a cada dia, o atual presidente tem naturalmente colhido uma rejeição muito alta por parte da maioria do povo brasileiro. É impossível esconder ou disfarçar este cenário marcado pela escalada da violência e pela interdição do debate civilizado na esfera pública. Mesmo acuado e ciente de que suas chances de se reeleger estão derretendo a cada dia que passa, ele continua apostando no caos e incitando o ódio.

Diante dessa realidade, é fundamental que a gente siga respondendo tudo isso com paz, civilidade e democracia. Precisamos encontrar formas de dissipar essa atmosfera de conflito com argumentos e seguir caminhando para mais uma eleição, que é o momento maior da democracia brasileira. Nesse sentido, tenho convicção de que a força de Lula é, na verdade, a força do povo brasileiro. De um povo que quer voltar a fazer três refeições por dia, a ter pleno emprego, ter acesso à universidade, a viajar de avião, ter paz, saúde e prosperidade.

Tenho absoluta certeza de que, se ganharmos estas eleições, Lula será um presidente muito melhor do que foi nos oito anos em que governou o País. E é isso que o próprio Lula tem dito nas suas andanças pelo Brasil. Mais que nunca, ele é um líder com muita experiência e muitos aprendizados colhidos na sua trajetória política e pessoal. Não tenho dúvida de que ele fará um governo amplo, de conversa e negociações. A essência de Lula é ser um grande negociador. Não é da natureza dele o rancor. Ele vai governar com a generosidade que o caracteriza e na amplitude que tem.

Por esse motivo, sempre que me perguntam se Lula conseguirá reconduzir a relação com o Congresso, eu digo que sim. Pois, diferentemente do que vemos hoje, os parlamentares vão saber que quem está ali na cadeira de presidente é um estadista, um conciliador e um homem com o espírito público, com empatia e sensibilidade necessárias para abraçar os desafios que esta missão demanda.

O presidente Lula tem plena consciência de que não é hora de acirrarmos os ânimos ou de alimentarmos ainda mais esse ambiente de conflito, pois é justamente isso que os nossos adversários tanto desejam que aconteça. Tudo o que eles gostariam de ver é todo mundo por aí dando tiro para cima e para baixo. Mas não vamos e não podemos abraçar uma violência que não é nossa. Faremos a nossa campanha em paz.

Por outro lado, tampouco podemos nos intimidar ou recuar num momento tão crucial da nossa história. É hora de ampliarmos o diálogo e de juntarmos do mesmo lado todos aqueles e aquelas, que mesmo com diferentes convicções políticas ou divergências de valores, convergem no aspecto essencial: a defesa intransigente da nossa democracia.

É fato consumado que o atual presidente seguirá insistindo na sua cruzada hostil e intimidatória, atacando os sistemas Judiciário e Eleitoral. A aposta do outro lado é na manutenção desse clima de conflito, para nos fazer crer que não seremos capazes de garantir um ambiente de tranquilidade democrática nas eleições. Não vão prosperar. Como vem recomendando Lula, temos de ser firmes na defesa da democracia, e assim o faremos. De maneira respeitosa, pacífica e propositiva.

Portanto, onde eles oferecem divisão, nós oferecemos unidade. Onde eles oferecem ofensa, nós oferecemos diálogo. Onde eles oferecem conflito, nós oferecemos prosperidade. Com essa equação e sob a liderança do presidente Lula, conseguiremos derrotar o autoritarismo nas urnas em outubro e devolveremos a esperança ao povo brasileiro. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

Claudia e Danilo, moradores do ABC...

ELAS SIM, ELE NÃO

A LARGA VANTAGEM ENTRE AS MULHERES EXPLICA A FOLGADA LIDERANÇA DE LULA NAS PESQUISAS

por ANDRÉ BARROCAL

... e Tais e Fabiano, de Canoas: elas estão com Lula, eles com Bolsonaro

SILVIO AVILA E RENATO LUIZ FERREIRA

Claudia Duarte Cerezer, advogada de 28 anos, casou-se com o empresário Danilo Wallace Pagliai, de 26 anos, em novembro do ano passado. Morador de São Bernardo do Campo, na Grande de São Paulo, o casal tinha planejado unir-se quatro anos atrás, mas aí veio a eleição presidencial de 2018. Ela votaria em Ciro Gomes no primeiro turno e em Fernando Haddad no segundo, ele iria de Jair Bolsonaro nas duas etapas. A divergência de opinião causou brigas, o namoro ficou por um fio. "Ele era um analfabeto político", brinca Claudia. Foi preciso conversar muito para salvar a relação. O que não significa o fim das diferenças. Pagliai votará para reeleger o presidente, motivado pela defesa das armas e pelos escândalos petistas de corrupção. "A gente que é do ramo empresarial sabe que, se não pagar caixinha para o PT, não abre um negócio", dispara. Claudia acredita que os escândalos merecem autocrítica do partido, mas não deixará de votar em Lula. A melhora de vida dos pais durante o governo do ex-presidente, quando ela era criança, fala mais alto. E mais: "O Bolsonaro é incompetente, chucro, preconceituoso".

"É completamente despreparado para atuar como governante, descompromissado com o povo e a recuperação econômica do País. Acho revoltante o tratamento que ele defere às mulheres", afirma outra advogada, Taís Vicenzi, de 42 anos. Ela e o marido, Fabiano Bandeira, da mesma idade, mudaram-se em junho para um apartamento em Canoas, a 23 quilômetros de Porto Alegre. Deixaram uma casa grande, na capital gaúcha, emprestada pela mãe de Taís. O gasto mensal para mantê-la variava de 2 mil a 2,5 mil, fora a despesa salgada com gasolina para ir trabalhar em Canoas. Com o apartamento, são 700 reais. É outro caso de discussões domésticas por política. Ela votou em Haddad em 2018 e agora irá de Lula, ele repetirá o voto em Bolsonaro. "Bandido e vagabundo não devem ser recebidos com flores", entoa Bandeira, atraído pelo discurso linha-dura do capitão e convencido de que Lula e o PT roubam. Para ele, o presidente deu "azar" com a pandemia e a crise econômica seria fruto da crise sanitária. Formada em Direito, Taís crê há tempos que Lula foi perseguido judicialmente. E lembra os bons tempos do petista no poder. O imóvel em Canoas foi comprado naquela época. "Lula representa um governo que me possibilitou crescimento social e financeiro a partir do meu trabalho."

Claudia e Taís são exemplos da fortaleza que o voto feminino se tornou para o ex-presidente e do abacaxi para Bolsonaro, obrigado a apelar à primeira-dama, Michelle, para tentar limpar a barra. A preferência das mulheres por Lula e a rejeição ao capitão explica-se por razões objetivas, como as condições de vida, e outras subjetivas, como a personalidade dos dois candidatos. Há quem aponte, inclusive, uma inclinação maior das mulheres em geral às causas de esquerda.

As mulheres são a maioria do eleitorado, 8,3 milhões a mais do que os homens. Estão aptos a ir às urnas 156,4 milhões de brasileiros. Elas são 82,3 milhões, 52,6% do total, e eles, 74 milhões, ou 47,4%. Lula ostenta, neste momento, 22 milhões de intenções de voto a mais que Bolsonaro no primeiro turno, em um cálculo baseado na média de quatro pesquisas (Datafolha de 23 de junho, Genial/Quaest de 6 de julho, XP/Ipespe e BTG/FSB, ambas de 25 de julho). Nesta média, o ex-presidente tem 45% e o atual, 31%. A larga diferença é obra feminina. Elas garantem ao petista uma vantagem de 18 milhões de votos, o eleitorado conjunto de Bahia e Ceará. Em um duelo final, Lula bateria Bolsonaro por 31 milhões de votos, de acordo com o Datafolha de 23 de junho, 57% a 34%. Apenas entre as mulheres, venceria por 62% a 27%. Uma margem de 28 milhões de votos, a soma dos eleitores de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A folga do petista no voto feminino se

Bolsonaro recorre a Michelle, na esperança de reduzir a preferência das mulheres por Lula

sustentará depois que o governo começar a pagar o Auxílio Brasil de 600 reais, a partir de 9 de agosto, uma semana antes do início oficial da campanha? É uma das grandes incógnitas do momento. O valor, antes de 400 reais, subiu graças ao desespero eleitoral do presidente, operação parlamentar que mandou às favas as regras vigentes de que o governo não pode criar ou ampliar benefícios sociais às vésperas do pleito pela razão óbvia de que desequilibra a competição. O auxílio atende 18 milhões de brasileiros, dos quais 15 milhões são mulheres. Quase metade dos beneficiários (47%) mora no Nordeste, reduto lulista. Outros 28%, no Sudeste. Lula tem martelado: o aumento foi eleitoreiro e a prova é o fato de só valer até dezembro. Convencerá o público? No QG petista, teme-se que o pagamento, somado à queda do preço da gasolina, gere uma sensação de alívio econômico, sobretudo no Sudeste, lar de 42% dos votantes. E, por extensão, se reverta em votos para Bolsonaro e impeça Lula de vencer no primeiro turno. Liquidar a fatura em 2 de outubro é uma meta lulista, até para enfraquecer o discurso golpista e evitar um duelo final sob o signo da violência e da desordem.

Cientista político da UFMG e da consultoria Quaest, Felipe Nunes captou, de junho para julho, pistas de certa boa vontade do eleitorado com o esforço do governo para baratear a gasolina e aumentar o Auxílio Brasil. Os indícios estão em uma pesquisa mensal da Quaest contratada pelo Banco Genial. No levantamento, 42% afirmaram que o presidente faz o que pode para impedir a alta do preço dos combustíveis, índice superior à intenção de voto nele, 31%. Ao reconhecer esse esforço, um em cada dez eleitores propensos a votar em Lula, que marca 45% na pesquisa, admitia trocá-lo pelo capitão.

Nunes examinou pesquisas realizadas em julho do ano de todas as eleições presidenciais desde 1998 e concluiu: "Não há nenhuma variável em que se mensura de forma mais significativa a mudança no perfil do eleitor do PT ao longo dos anos do que na variável 'sexo'". A votação feminina no partido cresceu nesse período, embora não de forma linear. O governo Lula e a figura do petista ajudam a elucidar o fenômeno, na avaliação de Luciana Veiga, presidente da Associação Brasileira de Ciência Política. Explicações que se sobressaem na comparação com a obra e a personalidade de Bolsonaro. As mulheres, diz Veiga, costumam gerir as finanças domésticas. Vão mais ao supermercado, por exemplo. Na era Lula, havia prosperidade, era mais fácil comprar comida, carro, eletrodoméstico. Agora, a inflação anda pelas alturas, o poder de compra caiu, o desemprego é maior. "Há também uma relação de confiança maior com Lula do que com Bolsonaro. O Lula não fala de forma agressiva como o Bolsonaro, tem um jeito mais afetuoso. O presidente é ríspido. A maneira como lidou com a pandemia foi sem empatia, sem solidariedade com a dor do outro, e empatia e solidariedade são sentimentos mais comuns no mundo feminino", afirma a acadêmica. O petista, volta e meia, diz que governar é "cuidar", imagem mais bem compreendida por elas do que por eles. As mulheres, prossegue Veiga, em regra administram a saúde em casa, marcam consultas, levam parentes ao médico. A impopularidade governamental, recorde-se, disparou a partir do Coronavírus. No Datafolha, o pico de desaprovação à gestão Bolsonaro, de 53%, foi atingido perto da aprovação do relatório final da CPI da Covid, no fim do ano passado. Entre as mulheres, segue na casa dos 50%. Na pandemia, a desaprovação arrefeceu um pouco, quan-

O PETISTA ACUMULA 22 MILHÕES DE INTENÇÕES DE VOTO A MAIS QUE BOLSONARO. DO TOTAL, 18 MILHÕES SÃO ELEITORAS

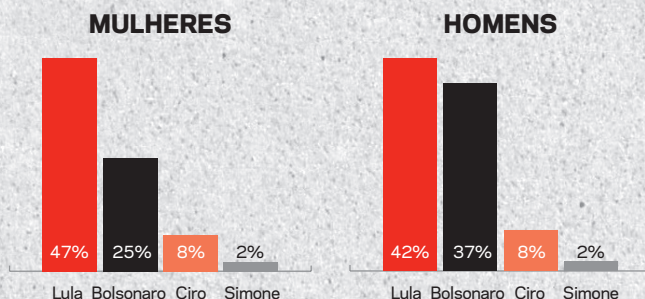
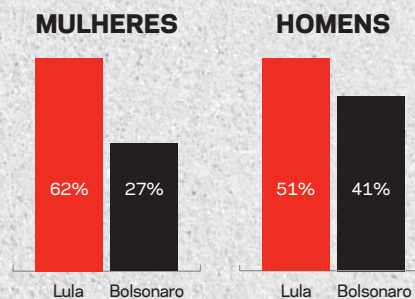
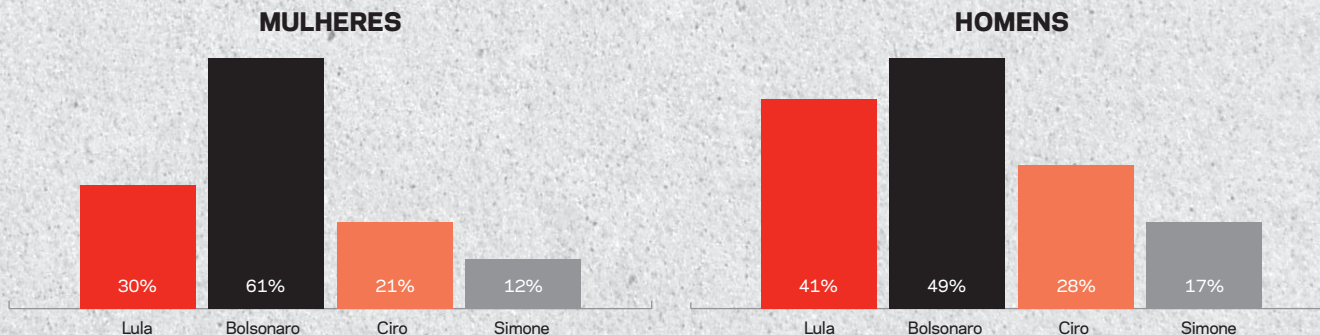
MAURO PIMENTEL/AFP E RICARDO STUCKERT

A MÁ VONTADE DAS MULHERES COM O PRESIDENTE E SEU GOVERNO

Entre elas, 8,3 milhões a mais de eleitores do que os homens, a rejeição a Bolsonaro, a desaprovação ao governo e a intenção de voto em Lula superam os índices masculinos

As mulheres são ***82,3 milhões*** do eleitorado, ***52,6%*** do total*

Os homens são ***74 milhões*** do eleitorado, ***47,4%*** do total*

AVALIAÇÃO DO GOVERNO**

ELEIÇÃO 1º TURNO** / ELEIÇÃO 2º TURNO***

REJEIÇÃO***

*Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

**Fonte: Média das pesquisas Datafolha de 23 de junho, XP/Ipespe e BTG/FSB, ambas de 25 de julho

***Fonte: Datafolha de 23 de junho

do do pagamento do auxílio emergencial de 600 reais. Será assim com o Auxílio Brasil de igual valor?

Em junho, Flávio Bolsonaro, filho do presidente, declarou publicamente que quem recebia os 400 reais de auxílio não passava fome. Foi logo após a divulgação de dados sobre o avanço do flagelo no Brasil. Segundo uma rede de pesquisadores de universidades, a Penssan, 125 milhões de brasileiros possuem dificuldades diárias para se alimentar e 33 milhões não têm o que comer. Outro estudo, do economista Marcelo Neri, da FGV, identificou uma "feminização" da fome em 2021, no embalo da pandemia. O drama atingia 47% das mulheres. O índice geral, homens incluídos, era de 36%. "Mulheres e pessoas de meia-idade tendem a estar fisicamente mais próximas e mais responsáveis pelas crianças. Assim, a insegurança alimentar desses grupos acaba gerando consequências para o futuro do País, uma vez que subnutrição infantil deixa marcas permanentes físicas e mentais na vida dos indivíduos", escreveu Neri.

Em abril, Lula havia participado de um ato público em um bairro na Zona Norte de São Paulo, a Brasilândia, dirigido a mulheres. No evento, carrinhos de supermercado "comparativos" exibiam o que era possível comprar com um determinado valor hoje e nos tempos do petista. As diretrizes do programa de governo do ex-presidente, lançadas em julho, indicam: "Devemos enfrentar a realidade que faz a pobreza ter o 'rosto das mulheres', principalmente 'das negras'". Uma prévia do documento tinha sido enviada duas semanas antes aos seis partidos aliados na disputa presidencial (PCdoB, PSB, PSOL, PV, Rede e Solidariedade). Continha os termos "machismo" e "sexismo", atitudes que mereceriam "combate", e "direitos sexuais reprodutivos", que deveriam ser "assegurados" pelo poder público. Na versão final, sumiram. "Foi um pedido dos aliados, que prefeririam uma formulação mais genérica", diz um dos chefes da comunicação lulista, o deputado Rui Falcão, para quem, se eleito, o petista montará um ministério com o mesmo número de homens e mulheres.

Segundo os aliados que pediram a supressão, as expressões poderiam causar dor de cabeça na luta por votos, em especial entre os evangélicos. "Direitos sexuais e reprodutivos" são uma forma branda de falar de "aborto". É um tema que o bolsonarismo usa contra Lula. Em abril, o ex-presidente participou de um debate com integrantes do Partido Social-Democrata da Alemanha e defendeu encarar a interrupção de gravidez como questão de saúde pública: "Temos de assumir essa discussão, tentando fazer a sociedade evoluir, e não compartilhando do retrocesso. Este é um desafio para nós durante um processo de campanha, mas não é só na campanha, é durante a nossa trajetória de vida". Um dia depois, comentou em uma rádio do Ceará ser pessoalmente contra o aborto. Adiantará? O vídeo com sua declaração original corre por aí, graças à máquina bolsonarista na internet.

DE 1998 PARA CÁ, AUMENTOU O PORCENTUAL DE MULHERES QUE VOTAM NO PT. ELAS TAMBÉM ESTÃO MAIS ALINHADAS ÀS PROPOSTAS PROGRESSISTAS

Em uma pesquisa de junho do Datafolha, 32% dos brasileiros defendiam a proibição total do aborto, que pela lei é possível em algumas situações, e apenas 8% eram a favor de sua liberação geral. O levantamento fez várias perguntas sobre temas polêmicos e o papel do Estado na economia, categorizou as respostas como indicativo de visão "progressista" e "conservadora" e concluiu: 49% dos brasileiros seriam de esquerda e 34%, de direita. Entre as mulheres, 55% estariam no primeiro time e 27% no se-

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

O movimento #elenão atrapalhou ou impulsionou Bolsonaro em 2018?

gundo. Entre os homens, quase um empate: 42% e 41%, respectivamente.

O cientista político Antonio Lavareda, do instituto de pesquisas Ipespe, enveredou pela carreira por estudos de neurociência. Segundo ele, por terem 20 vezes mais testosterona dos que as mulheres, homens são mais assertivos, ambiciosos, competitivos. E que, por sentirem menos medo, tornam-se mais agressivos, violentos e dispostos a correr perigos. Tais traços os deixariam permeáveis a agendas direitistas, como o punitivismo e o armamentismo. As mulheres, com menos testosterona, seriam mais empáticas com o outro, mais dispostas a laços comunitários, pacifistas. Ou seja, abertas à agenda progressista. Segundo Lavareda, o cérebro masculino seria mais simples, daí os homens chegarem a conclusões mais apressadas e tenderem a separar razão e emoção. O das mulheres seria mais complexo, com razão e emoção a percorrerem os caminhos neurológicos ao mesmo tempo, daí elas demorarem mais a decidir seus votos. "Seus sentimentos de atração e de aversão são mais fortes exatamente porque sua empatia e antipatia são mais desenvolvidas."

A rejeição feminina a Bolsonaro era de 61% no Datafolha de junho, o dobro do índice de Lula. Entre os homens, mais equilíbrio: 49% ao atual presidente, 41% ao ex. Na campanha do capitão e no mercado financeiro, há pesquisas para entender a rejeição feminina a Bolsonaro e como contorná-la. Um analista político que viu uma dessas pesquisas diz que a economia é o que mais pesa. Para elas, o governo dá com uma mão (Auxílio Brasil de 400 reais, elevado a 600), mas tira com a outra na forma de inflação. Aliados do capitão queriam uma vice mulher, a ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina, mas o presidente preferiu um general. A aposta agora se concentra na primeira-dama. Michelle Bolsonaro, evangélica, falou na convenção do PL que acaba de oficializar a candidatura do presidente. Um discurso de tom religioso: "Ele é o escolhido de Deus, tem um coração puro". Ela participará da propaganda do marido na tevê? É a dúvida no "Centrão". Um dia após a convenção, Bolsonaro participou de um almoço com mulheres empresárias em São Paulo sem a presença da esposa.

"A rejeição dele entre as mulheres bloqueia o diálogo. A Michelle em evidência pode ajudá-lo, é uma tentativa de estabelecer um diálogo. Pode dar certo e o Bolsonaro crescer em intenção de voto entre as mulheres evangélicas, que são mais conservadoras", diz Veiga. Para a analista, a defesa do conservadorismo e da família tradicional explica por que o presidente tem votos entre as mulheres, apesar do currículo. Recordem-se alguns momentos lamentáveis de Bolsonaro: disse que a filha foi uma "fraquejada", que não pagaria o mesmo salário a mulheres, pois elas engravidam, votou contra direitos trabalhistas para domésticas, chamou de "quadrúpede" uma jornalista da CNN, disse que uma repórter da *Folha* "queria dar o furo". Não à toa, no ano passado a Justiça Federal condenou o governo a pagar 5 milhões de danos morais por causa de declarações machistas suas e dos ministros Paulo Guedes e Damares Alves.

Não foi a primeira vez. Em 2019, Bolsonaro teve de pagar 20 mil reais à deputada federal Maria do Rosário, do PT gaúcho, por ter dito, em 2014, que não a estupraria por ela ser feia e não merecer. A parlamentar, hoje do núcleo de campanha de Lula, doou o dinheiro a entidades feministas. "Ele desvaloriza as mulheres, é agressivo e violento conosco, homem agressivo tem necessidade de destruir o outro. E no governo jogou milhares de mulheres na pobreza. A derrota dele na eleição será a vitória das mulheres deste país", diz a parlamentar. Apesar do peso do voto feminino, uma nova manifestação na linha #elenão, como a ocorrida um mês antes da eleição em 2018, não deverá ocorrer, segundo a deputada. Até hoje não há consenso entre estudiosos se aquele ato jogou contra ou a favor de Bolsonaro.

A eleição passada foi a primeira no Brasil a apresentar forte recorte de gênero, ressalta a cientista política Nara Pavão, da Universidade Federal de Pernambuco. Não foi, diz, um fenômeno brasileiro, havia sido assim na disputa norte-americana de 2016, entre Hillary Clinton e Donald Trump. Há, prossegue a professora, pressão crescente por uma participação cada vez maior das mulheres na política, e eles e elas não se posicionam de forma igual, possuem vivências e visões próprias. Homem prefere falar de economia e corrupção, mulher atenta mais para questões sociais. O que torna particular o caso de Bolsonaro é sua agressividade histórica. "Ele sempre foi muito hostil à questão de gênero, rejeita pautas progressistas. É natural que haja uma reação das mulheres." A cientista política acredita, no entanto, em outro fator decisivo nas eleições. Não a questão de gênero, mas as condições de vida. •

O Brasil de ontem...

Democracia impossível

O monstruoso desequilíbrio social fala por si

POR MINO CARTA

Muitos são hoje os que falam em democracia e nela acreditam integralmente. Devo confessar que em poucas situações eu acredito cegamente. No caso da forma de governo, sei que democracia não existe em um país infelicitado por um monstruoso desequilíbrio social. À democracia se referem amiúde de professores universitários até empresários das dependências do prédio assírio/babilonês da Fiesp, erguido na Avenida Paulista, artéria simbólica do poder da "locomotiva" do Brasil.

Segundo um estudo do Laboratório das Desigualdades Mundiais, integrante da Escola de Economia de Paris, encabeçada por Thomas Piketty, autor de *O Capital no Século XXI*, clama o texto: "A discrepância de renda no Brasil é marcada por níveis extremos há muito tempo". A BBC News Brasil aponta a necessidade de uma reforma fiscal ambiciosa, para tornar o sistema tributário mais progressivo. As desigualdades patrimoniais conseguem ser maiores do que as de renda. Os 50% mais pobres dispõem de apenas 0,4% da riqueza nacional.

Inquietos, os meus botões voltam a atacar. Que democracia é esta, em que os donos da casa-grande o são também do próprio Brasil? Impassíveis, respondem os irredutíveis hipócritas: "Em vi-

RENATO LUIZ FERREIRA E KENJI HONDA/ESTADÃO CONTEÚDO

...e o de hoje

gília cívica contra as tentativas de ruptura, bradamos de forma uníssona: Estado Democrático de Direito, sempre!"

Às vésperas das eleições presidenciais, verifica-se que mulheres e pobres escolhem Lula. Nunca duvidei, desde os tempos do ensino primário, da superioridade intelectual feminina e da total impossibilidade de democracia no País, por obra do monstruoso desequilíbrio social.

Há quem, certo de prosseguir na rota justa, alega a presença de poderes da República com perfeita autonomia. Sim, a obra-prima da pantomima encenada por tais poderes foi o conluio para condenar Dilma Rousseff ao *impeachment* e Lula à prisão por quase dois anos. E seria esta uma façanha democrática? Hipócritas ou iludidos? Levados na conversa ou vítimas da credulidade do povo brasileiro, à falta de quem lhe abrisse os olhos para registrar os vexames e as dificuldades até aqui experimentadas.

Neste instante, o Largo São Francisco, sede da velha e sempre nova academia, comemora Goffredo da Silva Telles Júnior, entre outras coisas meu professor de Introdução à Ciência do Direito no primeiro ano da faculdade. Figura de grandes rompantes a liderar uma manifestação em meio aos ásperos tempos da ditadura, com direito a intervenção de diversos oradores diante da praça lotada. Estava lá e lembro de ter ouvido a conversa de duas assistentes, enquanto passava no rumo do palanque. Perguntava uma à outra: "É um desfile do *beautiful people*, não é mesmo"? E era, de privilegiados do Brasil desigual.

No caso do eleitorado feminino e dos mais pobres a favor de Lula, não alego quaisquer dúvidas. Parece-me jogo de cartas marcadas, compreensível porque esperado. Nem por isso se justifica a crença de Sir Winston Churchill: "Não é o sistema de governo perfeito, mas é o melhor de todos". Churchill foi considerado, pelos ingleses, vencedor da Segunda Guerra Mundial. Quando esta terminou, nas eleições que se seguiram ganhou o trabalhista Clement Attlee. Coisas da democracia. Aqui é forma de governo intransitável e fica patética a atitude de quantos acreditam vivê-la e aproveitá-la.

De acordo com as estatísticas eleitorais, mulheres e pobres estão com Lula. No caso do eleitorado feminino e dos pobres a favor do ex-presidente não alego quaisquer dúvidas. Nunca os pobres do Brasil chegaram a passar pela vida tão apertados. Trinta por cento da população morre de fome, outros 30% esperam por esta vicissitude a mais, enquanto as calçadas tornaram-se a cama de tanta gente infeliz, às vezes sem se dar conta da sua infelicidade.

Não esqueçamos o apoio oferecido de graça a esta minha certeza: a transformação das Forças Armadas em um poder infinitamente superior, decisivo em tantas ocasiões, e confirmado agressivamente como ocorre com o ex-capitão e o bolsonarismo. Eis a prova definitiva desde o golpe contra a monarquia, a instalar a república pelas mãos de um general. •

Liga da discórdia

FUTEBOL A divisão das receitas do novo Brasileirão, independente da arcaica CBF, coloca os clubes ricos e pobres em pé de guerra

POR MAURÍCIO THUSWOHL

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 22
Estranha no ninho. Marta Suplicy busca se reaproximar do PT, mas enfrenta resistências

CLÉIA VIANA/AG. CÂMARA E KARIM JAAFAR/AFP

Futuro promissor. Em uma liga moderna, transparente e unitária, os benefícios vão muito além da repartição dos direitos de transmissão das partidas, diz Feldman, ex-CBF

A criação de uma liga independente é um sonho antigo dos grandes clubes de futebol no Brasil. Tentativas de superar o atraso organizacional que condena um produto de alto valor comercial, como o Campeonato Brasileiro, a ser menos atraente e rentável do que campeonatos similares em outros países são feitas desde a formação do Clube dos 13, em 1987, na esteira da redemocratização do País. Nas últimas décadas, essas tentativas esbarraram em interesses localizados e no poder quase absoluto da emissora que controla os direitos de transmissão. A combinação do fim do atual contrato (previsto para 2024) com o esvaziamento da CBF como entidade gestora e a fragmentação dos canais de transmissão na televisão e na internet indicava que este ano a desejada liga nacional finalmente veria a luz do dia, mas uma briga em torno da divisão do futuro bolo de receitas gerou um racha que pode colocar tudo a perder.

O nó das negociações entre os clubes está na indefinição dos critérios de repartição dos direitos de transmissão dos jogos. Capitaneada pelos quatro grandes clubes paulistas e pelo Flamengo, a autodenominada Liga Brasileira de Clubes (Libra), que atualmente conta com 14 integrantes, tomou a dianteira do processo, elaborou um projeto em parceria com a empresa Codajas Sports Kapital e apresentou uma proposta de divisão de receitas segundo a qual 40% seriam rateados igualmente, 30% pelo desempenho esportivo (colocação no campeonato anterior) e 30% pelo engajamento, item medido pelo tamanho das torcidas e compra de produtos e pacotes de *pay-per-view* a elas associados. A proposta desagradou a diversos clubes que, liderados por Fluminense, Internacional e Athletico Paranaense, criaram o grupo dissidente Forte Futebol, com 25 integrantes. Sua proposta de divisão é idêntica à adotada atualmente pela Premier League da Inglaterra, campeonato nacional mais rentável do planeta: 50% distribuídos igualmente, 25% pelo desempenho esportivo e 25% pelo engajamento.

> Os times menores reivindicam uma distribuição mais solidária, para garantir o equilíbrio da competição

A diferença pode parecer pouca, mas se traduz em dezenas de milhões de reais.

Além disso, segundo os críticos, a proposta da Libra perpetuará um sistema de divisão imposto há anos por aqueles que monopolizaram as transmissões pela tevê: "Queremos que a distribuição seja mais justa e não que o Flamengo receba 70 vezes mais que o Athletico em *pay-per-view*", resume Mário Petraglia, presidente do clube paranaense. Segundo a divisão sugerida pela Libra, alguns clubes podem receber até seis vezes mais que outros, o que é rechaçado pelos integrantes do Forte. "A divisão dos recursos deve seguir os exemplos de ligas bem-sucedidas no mundo. Em outros países, a diferença entre o primeiro e o último é de, no máximo, três vezes e meia. Essa redução na desigualdade fará com que tenhamos um campeonato mais valorizado, competitivo e, portanto, com ganhos significativos para que todos os clubes construam um produto mais forte", diz Alessandro Barcellos, presidente do Internacional.

Para Walter Feldman, ex-secretário-geral da CBF, a falta de unidade entre os clubes acontece por questões financeiras, dada a diferença de torcidas e volume de negócios, mas também por diferenças políticas que precisam ser superadas. "Carece o futebol brasileiro de um pensamento ultramoderno para gerar um novo negócio, no qual todo mundo ganharia", observa. "O salto das receitas trará ganhos adicionais mesmo àqueles clubes que faturam muito. A união em uma liga moderna, transparente, articulada e unitária que explore não somente as transmissões de jogos, mas novas possibilidades como o Big Data e os *games* traria ganhos consideráveis a todo mundo."

Antes de ser demitido da CBF, em junho do ano passado, por divergências políticas, Feldman propôs um pacto de transição para passar o comando do futebol definitivamente às mãos dos clubes, o que o colocou em rota de colisão com os cartolas que controlam a entidade. "É necessária uma transição para um modelo de negócios que, em uma primeira etapa, assegure os ganhos que os maiores clubes têm, mas também dê perspectivas de avanço para os clubes menores", defende. Ele cita alguns clubes, a título de exemplo: "Flamengo e Corinthians têm as maiores torcidas por questões históricas, mas isso não diminui a grandeza de clubes como Fortaleza e Bragantino. Essa transição gigantesca tem de ser entendida coletivamente, falta uma compreensão coletiva do futebol brasileiro. Ter clubes como Botafogo, Fluminense e Vasco fortes é bom também para o Flamengo, pois todos fazem parte de um ecossistema que, sendo equilibrado, funcionará bem. Isso vale para todos os estados".

Equidade. A discussão também precisa passar pelo nível técnico das equipes, sugere Mário Bittencourt, do Fluminense

Em caso de não entendimento com o Forte Futebol, o estatuto da Libra prevê a possibilidade de o grupo negociar de forma independente seus direitos de transmissão e comercialização de produtos. Sem precedentes nos campeonatos europeus, essa divisão é desaconselhada por especialistas. "Se cada grupo vender seus jogos para uma emissora diferente, o produto certamente perderá valor", assegura Fábio Wolff, diretor da agência de marketing esportivo Wolff Sports. A ideia também é criticada pelos clubes dissidentes: "Aposto no entendimento entre Forte e Libra. Se essa negociação

não tiver sucesso, a criação de uma liga em nosso país ficaria claramente em dúvida. Os esforços são direcionados para que tenhamos um acordo", emenda Barcellos.

"Pressupor a existência de duas frentes de negociação de direitos comerciais antes de fazer um esforço máximo de superação é um descaminho. Seria a volta ao passado e às negociações individuais dirigidas pelos que ganham mais e que submetem aqueles que não negociaram", diz Feldman. Isso acontecia, acrescenta o ex-deputado, na divisão estabelecida pelos contratos firmados nas últimas décadas com as emissoras de televisão: "Significaria a manutenção do modelo anterior. Só a unidade dará valoração e credibilidade ao futebol brasileiro junto ao mercado. O investidor quer fazer uma compra sólida. A sobrevivência do futebol brasileiro será necessariamente coletiva".

Um sinal de que os clubes ainda podem superar as divergências e os interesses paroquiais foi dado em São Paulo na mais recente rodada de negociações entre representantes dos dois grupos, em 17 de julho. A Libra apresentou nova proposta, comprometendo-se a adotar o modelo de divisão sugerido pelo Forte, mas somente se as receitas ultrapassarem os 4 bilhões de reais. Se esse montante não for atingido, permanece o modelo 40-30-30. Em palestra realizada, em abril, a convite da Libra, o presidente da bilionária LaLiga espanhola, Javier Tebas, apresentou projeções que mostram que uma liga independente no Brasil, se adotar modelo semelhante ao da Espanha e funcionar em sua plena capacidade, pode valer 56 bilhões de reais.

Ainda não houve acordo em torno da nova proposta, mas o diálogo está fluindo: "Vejo total chance de sucesso. Os últimos encontros foram positivos e avançaram em negociações que estavam travadas. O importante neste momento é que todos tenham a capacidade de se despir de vantagens conquistadas em outros momentos. A hora é de produzir um novo campeonato à altura do que merece o público mundial", diz o presidente do Internacional. Outra divergência que se aproximou de um acordo diz respeito à destinação de receitas aos clubes que estiverem na Segunda Divisão. Pelo plano original da Libra, 15% da receita anual seria enviada à Série B, mas o Forte Futebol quer 25%. Uma solução intermediária de 20% deve ser aprovada.

"A redução na desigualdade fará com que tenhamos um campeonato mais valorizado", avalia o presidente do Internacional

Mas arestas ainda precisam ser aparadas. Presidente do Fluminense e um dos articuladores da formação do Forte, Mário Bittencourt demanda mais discussão: "Temos de discutir tecnicamente. Todos queremos os 40 clubes juntos, mas entendemos que os critérios de divisão têm de ser diferentes dos propostos pela Libra. Com a proposta deles, o rico fica ainda mais rico", afirma. Um dos pontos ainda em divergência diz respeito aos critérios a serem considerados no item engajamento. "A Libra predefiniu cinco critérios de engajamento que determinam 30% dos recursos, mas discordamos de pelo menos dois." Para Feldman, os clubes correm o risco de deixar passar um momento histórico: "Os dois grupos precisam sentar para negociar com espírito positivo, pois têm nas mãos um tesouro".

Os 14 clubes da Libra são Botafogo, Bragantino, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, Guarani, Ituano, Novorizontino, Palmeiras, Ponte Preta, Santos, São Paulo e Vasco. Os 25 clubes do Forte Futebol são: América-MG, Athletico-PR, Atlético-GO, Atlético-MG, Avaí, Brusque, Ceará, Chapecoense, Coritiba, CRB, Criciúma, CSA, Cuiabá, Fluminense, Fortaleza, Goiás, Internacional, Juventude, Londrina, Náutico, Operário, Sampaio Corrêa, Sport, Tombense e Vila Nova. Entre os 40 clubes das séries A e B, apenas o Bahia não se alinhou ainda a um dos grupos. •

Barcellos. "A diferença de receitas não deve ser tão elevada"

SPORT CLUB INTERNACIONAL/RS E MAILSON SANTANA/FLUMINENSE F.C

Roupa suja se lava em casa

POLÍTICA A reaproximação de Marta Suplicy com os velhos companheiros do PT esbarra nas mágoas do passado

POR GRASIELLE CASTRO

O jantar no fim do ano passado organizado pelo Prerrogativas, grupo de advogados defensores do Estado de Direito, para tornar pública a aliança entre o ex-presidente Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin serviu também para marcar a tentativa de reaproximação de Marta Suplicy com o PT, legenda à qual sua trajetória está umbilicalmente ligada. Sentada à mesa mais concorrida do evento, ao lado dos pré-candidatos Lula e Alckmin, a ex-senadora, atualmente sem partido, era a única mulher a ocupar uma cadeira sem ser esposa de um político. Dias antes, na casa de Marco Aurélio Carvalho, coordenador do Prerrogativas, Marta havia feito as pazes com o deputado federal Rui Falcão, um dos principais nomes da campanha presidencial.

Por intermédio de Carvalho e do ex-prefeito Fernando Haddad, pré-candidato ao governo de São Paulo, Marta e Falcão toparam conversar e se uniram em torno da missão de fortalecer a campanha de Lula. O argumento para selar o apoio é o de que desencontros, mal-entendidos do passado, devem ser deixados de lado em prol de um bem maior: formar um bloco capaz de conter o avanço do autoritarismo no País. A justificativa tem sido repetida como mantra por petistas para explicar o abraço naqueles até há pouco tempo chamados de traidores. "A Marta é muito bem-vinda. Temos que ter compreensão e responsabilidade para liderar uma frente em defesa da democracia. Precisamos ser generosos e ter capacidade para acolher todas as forças políticas", afirmou o deputado Henrique Fontana, ex-líder do PT na Câmara. Falcão, que foi secretário de Governo na gestão de Marta na prefeitura de São Paulo, entre 2001 e 2004, deixa claro, no entanto, que ainda existe um distanciamento. "Ela não voltou ao partido, se reaproximou de mim e tenho uma boa relação com ela hoje. Ela apoia o Lula e o Haddad, participou de alguns debates e declarou apoio aos dois."

A reserva em relação à ex-companheira deve-se aos caminhos escolhidos por ela, especialmente a partir de 2012, uma escalada de críticas e disputas que desaguaria em um rompimento. Naquele ano, Marta, por conta de sua história e legado, esperava disputar a prefeitura da capital paulista, mas o partido, com a bênção de Lula, escolheu o novato Haddad. Magoada, a ex-prefeita manteve distância da campanha, considerado um "erro grave" por dirigentes do partido. Apenas na reta final, quando a vitória do ex-ministro da Educação era certa, ela cedeu e subiu no palanque do colega.

> A ex-senadora votou a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff. A traição cobrou seu preço

Em troca de abrir mão da candidatura, a então senadora esperava ser nomeada para um ministério importante no governo Dilma Rousseff, mas acabou indicada para a pasta de Cultura, ainda em setembro daquele ano, e ficou insatisfeita. Nos meses seguintes, acumulou atritos, vários públicos, com a então presidente e, ao vislumbrar um cenário desfavorável à reeleição da mandatária, encabeçou na legenda um movimento para o retorno de Lula em 2014.

À época, Marta levou a ideia ao ex-presidente, que, segundo interlocutores, não disse nem sim nem não. "Foi Lula sendo Lula", resume um dos interlocutores. O burburinho chegou, porém, aos ouvidos do então ministro Aloizio Mercadante, que revelou a movimentação a Dilma Rousseff. A presidente então se antecipou e, em uma agenda pública, lançou-se candidata à reeleição. Sem espaço no governo, em novembro de 2014, Marta pediu demissão da Cultura, por meio de uma carta com críticas abertas à política econômica, e voltou ao Senado. A mágoa não se desfez. Em reuniões da bancada petista, por mais de uma vez, Marta chegou a levantar e ir embora no momento em que os senadores passavam a discutir projetos enviados pelo

REDES SOCIAIS E GERALDO MAGELA/AG.SENADO

Diferenças. Lula nunca se distanciou completamente de Marta Suplicy. Não se pode dizer o mesmo de Dilma Rousseff, apunhalada pela ex-subordinada e ex-colega de partido

Palácio do Planalto. Por fim, em abril de 2015, tomou a decisão de deixar o partido, não de forma discreta. Ao anunciar a saída do partido, afirmou que o PT era "protagonista de um dos maiores escândalos de corrupção que a nação brasileira já experimentou" e que se constrangia por estar na sigla. Palavras que ainda reverberam entre a velha guarda petista, aparentemente agora relevadas em prol do "objetivo maior".

Em agosto de 2016, a senadora votou a favor do *impeachment* de Dilma, e no mês seguinte, filiou-se ao MDB de Michel Temer. No Senado, a nova emedebista terminou o mandato em 2018 chamada pelos ex-colegas de partido de "oportunista", "traidora" e "egoísta". Os ex-correligionários consideram que Marta abandonou o barco em um momento delicado, no auge de ataques a petistas, com vaias e agressões em aeroportos e restaurantes.

Carvalho, do Prerrogativas, defende: "Todos têm o direito de voltar atrás e reconhecer seus erros"

A reaproximação atual muitas vezes é comparada àquela empreendida pelo ex-prefeito do Recife João Paulo, que se desfiliou oficialmente do PT no dia da prisão de Lula, em 5 de abril de 2018. Enquanto negociava sua rendição à Polícia Federal, o ex-presidente ligou para o então correligionário e pediu para que ele não deixasse a legenda. Não foi atendido. João Paulo trocou o PT pelo PCdoB, mas fez o caminho de volta neste ano e foi recebido sem muito entusiasmo, pois o "vacilo" não foi esquecido.

Apesar de todo histórico de rusgas com o PT e de Lula ter ficado magoado na ocasião, Marta nunca se afastou pessoalmente do ex-presidente. Esteve presente no enterro da ex-primeira-dama Marisa Letícia, enviou uma carta carinhosa a Lula na prisão, manteve boas relações com dirigentes e participou dos encontros do Prerrogativas em 2017, 2018 e

LULA MARQUES/AGÊNCIA PT E ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

Pisar em ovos. Haddad e Marco Aurélio de Carvalho (*de gravata*) alinhavaram a reaproximação de Marta Suplicy e dirigentes do PT, entre eles o deputado Rui Falcão

2021. Em 2020, embora ligada à campanha à reeleição do então prefeito Bruno Covas, do PSDB, trabalhou para o PT não se isolar na corrida pela prefeitura paulistana. Além disso, esteve na seleta lista de convidados para o casamento de Lula com a socióloga Rosângela Silva.

Marta ainda ostenta um capital político, apesar dos inúmeros deslizes, como a polêmica frase "relaxa e goza" em pleno caos aéreo de 2007, quando comandava o Ministério do Turismo, e por bate-bocas tanto no plenário do Congresso quanto com moradores de São Paulo. É uma liderança feminina com passado respeitável e mantém a influência em regiões da capital paulista nas quais o PT não consegue mais entrar, entre elas Jardim Ângela, Parelheiros e Capela do Socorro. Tanto que o secretário nacional de Comunicação da legenda, Jilmar Tatto, que disputa uma vaga à Câmara dos Deputados, usa imagens da ex-prefeita em sua propaganda. "Acho boa essa aproximação, nossa relação está ótima, cito ela e as coisas que ela fez por São Paulo em nosso material", diz Tatto.

A ex-senadora também atua para criar pontes com outros partidos, a começar pelo Solidariedade, ao qual esteve filiada por um tempo após deixar o MDB, e no exterior. A atual secretária de Relações Internacionais da Prefeitura de São Paulo defendeu Lula em viagem aos Estados Unidos no ano passado, durante um evento que contou com a participação de Michael Bloomberg, ex-prefeito de Nova York. Marta pediu a palavra logo após o discurso do então governador João Doria, que havia acabado de vencer as prévias do PSDB para ser candidato à Presidência. Aos empresários presentes, afirmou que só o petista seria capaz de derrotar Jair Bolsonaro e de adotar políticas econômicas eficientes para a retomada do crescimento do Brasil.

Atitudes como esta jogam a favor da reconciliação. Gente próxima diz que o ex-presidente entende as divergências entre Marta e Dilma, mas não pretende alimentar as diferenças. Carvalho enfatiza as recentes reuniões em que a ex-petista esteve presente. "Essa resistência à Marta no PT é residual. Ninguém vai apagar a participação decisiva dela na fundação do PT e o legado de sua administração. Temos de olhar para a frente, todos têm o direito de voltar atrás e reconhecer seus erros." Há, no entanto, quem traduza esse esforço de reaproximação como outra jogada "oportunista", pois Marta Suplicy nunca mais obteve projeção nacional depois de deixar a legenda.

Por meio da assessoria de imprensa, a ex-senadora reiterou não ter interesse em voltar a disputar um cargo público, afirmou estar concentrada na diplomacia e apostar em iniciativas de relações internacionais que não tenham interferência direta do Estado. Embora seja uma mulher branca, também estaria empenhada na superação do racismo. Um de seus trabalhos em curso é a produção da segunda edição da Expo Internacional Dia da Consciência Negra e o desenvolvimento de uma iniciativa para tornar São Paulo um modelo de escola municipal antirracista. •

ESTHER SOLANO

A opção pelo caos

▶ **Os guerreiros da pátria, da família e da fé têm convicção e têm balas. Esta é a força de Bolsonaro**

Bolsonaro não vai respeitar o rito eleitoral. É fato. Qualquer observador minimamente atento às jogadas bolsonaristas sabe disso. Certeza. É cenário garantido, irrefutável: não teremos um processo eleitoral normalizado. Haverá violência. Já há violência. Física, simbólica, retórica. Violência. Se Lula ganhar as eleições, a faixa presidencial não será entregue pacificamente. Alguém duvida? Alguém consegue fazer um malabarismo imaginativo, um duplo carpado na abstração utópica para projetar Bolsonaro, sorriso aberto, na rampa do Planalto, a receber Lula como seu sucessor? Não há ginástica cerebral que dê conta dessa imagem. Não vai acontecer.

Na verdade, o caos sempre esteve posto. Bolsonaro sempre foi sincero no seu autoritarismo, sempre foi honesto no seu fascismo, na sua capacidade de odiar o outro. Seu total desprezo às instituições sempre foi gritado, exposto, ostentado. É só pegar um vídeo aleatório de seus primeiros anos na política. A monstruosidade estava lá, sempre esteve lá. "Mas ele vai se domesticar quando chegar ao Planalto", "mas o Paulo Guedes", "mas ele vai entender que para governar tem que mudar", "mas melhor isso do que o PT", "mas ele não faz por mal, é só o jeito dele de falar, meio tosco, tipo militar"... Baboseira. A monstruosidade sempre esteve lá. Nunca se escondeu. Só que muitos preferiram não enxergar a monstruosidade ou fingiram que não enxergavam, pois muitos convivem perfeitamente com os monstros, desde que outros sejam as vítimas.

Bolsonaro sabe que, se perder este pleito, ele e a família podem terminar muito mal. É preciso negociar uma maneira de sair do Planalto e não acabar na cadeia. E para isso é preciso o caos. Negociar com o caos. Negociar com a violência. Só que, para ter poder de negociação, vários elementos são necessários. O primeiro deles é a capacidade mobilizadora. Ele deve ser capaz de ameaçar e cumprir suas ameaças. Bolsonaro precisa de militância e de soldados. E tem, nossa se tem. Bolsonaro tem votos e tem milícias, tem simpatizantes e tem combatentes. Tem gente que irá às ruas semear o caos, enobrecidos com seu papel na história, guiados por Deus para salvar o Brasil. E tem gente que observará, complacente, os acontecimentos na televisão. Mas Bolsonaro também precisa de uma fábula. Bem, é só escutar seu discurso no Maracanãzinho para entender, rapidamente, a sua estratégia discursiva: "Sobrevivemos a um atentado. Deus me salvou".

O enviado por Deus. Nunca antes cobrou tanta relevância o Messias. Deus o colocou no poder, só Deus pode tirar. Só Deus tem essa legitimidade. O que podem fazer os homens diante da vontade divina? O que podem fazer os homens diante do Messias? Se o Messias for retirado do poder, o Brasil vira o inferno. Literalmente. Não se trata de metáforas. E, claro, os guerreiros da pátria, da família e da fé não fazem a guerra só com os punhos. Sim, tem gente que sairá às ruas com bandeira e Bíblia nas mãos, mas quero lembrar que, entre 2018 e 2021, aumentou em 320% o número de novas armas registradas nos estados mais bolsonaristas. Os guerreiros da pátria, da família e da fé têm convicção e têm balas. Esta é a força de Bolsonaro. Muita.

E, diante disso, nós fazemos o quê? Continuamos a acreditar na solidez das instituições? Continuamos simplesmente a divulgar abaixo-assinados? Continuamos a fingir que vamos ter eleições normais? Não iremos.

A única saída é encurralar totalmente Bolsonaro. Devemos proteger as eleições, a Justiça Eleitoral, o processo, as urnas. Devemos proteger o País da violência em curso, que continuará a acontecer. E devemos, não tenho a menor dúvida, nos posicionar do lado de quem pode confrontar o monstro. Devemos escolher, devemos optar, sem hesitação nenhuma. É Lula. Mas, para Lula receber a faixa presidencial pacificamente, todos nós, os democratas, devemos ter lado e agir desse lado. Desta vez, não pode haver falsas polarizações, falsos extremos. Por isso, eu fico apavorada quando vejo ainda tanta gente pretensamente defensora da democracia, pretensamente enjoada de Bolsonaro, mas que continua fielmente enganchada no seu antipetismo. "Lula não dá." Amigos, só Lula dá. Em 2018, o antipetismo nos conduziu à ignomínia nacional. Em 2022, nos conduzirá de novo?

Aos pretensos democratas, por favor, não nos joguem no abismo outra vez. Vocês também irão junto. Só Lula 2022 é possível. Vocês, que fingem não saber, também o sabem. •

redacao @cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

MARCOS COIMBRA

O novo mapa do Brasil

▶ No Senado e na Câmara, a tendência é de diminuição da fauna bolsonarista e dos políticos sem expressão eleitos em 2018. Nos governos estaduais, Lula tende a ter apoio majoritário

Ao longo do mês de outubro, um novo mapa político será definido. Bem diferente daquele que saiu da eleição de 2018. A principal mudança é o fim da breve e traumática experiência com o autoritarismo cafajeste e inepto de Jair Bolsonaro e seus milicos amestrados. Com Lula na Presidência da República, o Brasil, como um todo, volta a ser um país normal. O que, obviamente, não quer dizer que os nossos problemas estarão resolvidos, pois a normalidade não basta para atender às necessidades da maioria. O importante é que haverá como enfrentá-los, em vez de assistir ao seu agravamento, como aconteceu nos últimos tempos.

Neste ano, prever como ficará o Senado é mais fácil do que foi na eleição passada. Com apenas uma vaga em disputa por estado, no lugar de duas, as pesquisas funcionam melhor. Em 2018, especialmente onde havia uma candidatura muito sólida, a segunda veio a reboque e levou eleitores (e pesquisas) ao erro. O resultado foi um Senado repleto de políticos medíocres e sem expressão.

Esse problema não será corrigido agora, com a renovação de somente um terço das cadeiras, mas vai diminuir. Pelas pesquisas, as projeções são de que haverá diversos senadores eleitos com votação consagradora, o que aumenta a densidade e a representatividade da Casa: vão chegar ou permanecer muitos ex-governadores e senadores experientes. O Senado apequenado do quadriênio que se encerra tende a melhorar e tudo indica que Lula contará com o apoio da maioria.

Para a Câmara, as previsões não são boas. Na bandalha promovida pelos bolsonaristas, pode escorrer ralo abaixo o desejo de uma ampla parcela do eleitorado, que, desde o ano passado, revelava, nas pesquisas, sua intenção de votar em candidatos alinhados com Lula. Chegava a quase 40% a proporção daqueles que pretendiam votar no petista e, ao mesmo tempo, em deputados que o ajudariam, mostrando que haviam aprendido que um presidente precisa ter base parlamentar confiável.

Hoje, é difícil dizer. Depois que o capitão entregou o orçamento ao Centrão, o dinheiro público, em escala nunca vista, passou a jorrar em seus redutos. Gastos sem limite, fora de qualquer planejamento e livres de controles e transparência, têm sido usados por esses personagens para se reeleger ou mandar seus representantes para Brasília. Na mistura de pão (que falta a cada vez mais gente) e circo (com as festas de artistas bolsonaristas), vamos fazer a eleição parlamentar mais distorcida de todos os tempos.

Claro que uma parte grande do eleitorado votará com liberdade e submetida a menos manipulações, seja por suas características socioeconômicas, ou ideológicas. De qualquer maneira, tudo indica que deve diminuir a fauna bolsonarista que chegou ao Congresso na eleição passada.

Quando se consideram os 26 estados e o Distrito Federal, as pesquisas mostram um cenário semelhante nas eleições para os governos. Não dispomos de bons levantamentos em todas, mas os existentes permitem dizer que, também entre os novos governadores, Lula terá apoio majoritário.

Estas são eleições que, em muitos casos, começaram tarde ou ainda nem sequer se iniciaram na opinião pública, deixando muita gente indecisa ou sem convicção nas preferências atuais. De forma geral, estamos com níveis muito altos de não resposta nas perguntas espontâneas, quando não se mencionam nomes de candidatos. Chama atenção, em muitos estados, o tamanho do contingente de eleitores que pretende votar em quem tiver o apoio de Lula. Em mais da metade dos 26 estados, esse é o candidato ou candidata que tende a vencer, apesar de ainda pouco conhecido ou conhecida. Vice-versa, o contrário: salvo onde há um nome forte, não há sequer um candidato bolsonarista aos governos estaduais que exponha sua afinidade com o capitão para crescer. Todos têm consciência de que ser visto como próximo de Bolsonaro pode enterrar uma postulação viável.

O Brasil que sairá das urnas em 2 de outubro será outro. O Senado terá uma proporção maior de gente melhor, a Câmara, tomara, menos despropósitos e mais deputados sérios, muitos governadores estarão eleitos, a maioria próximos de Lula, o mesmo valendo para as decisões que ficarem para o segundo turno. Mais importante: no dia 2, Lula será o presidente da República. A menos, é claro, que os tanques venham para a rua. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Sem sossego

ELEIÇÕES Apesar do enorme favoritismo, Lula enfrenta dificuldades para consolidar os palanques estaduais no Nordeste

POR FABÍOLA MENDONÇA

A poucos dias do prazo final a para realização das convenções partidárias, o ex-presidente Lula tem exercitado ao máximo a sua veia de estrategista para administrar problemas, evitar rusgas e atender todas as forças políticas que o apoiam, mesmo em regiões onde é franco favorito, como no Nordeste, onde lidera com cerca de 60% das intenções de voto. Esse favoritismo, inclusive, fez a campanha de Bolsonaro agir com pragmatismo, deixar um pouco de lado o voto nordestino e priorizar o maior colégio eleitoral, o Sudeste, na tentativa de ampliar a votação. É no Sudeste também onde está o maior problema da campanha lulista neste momento, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde o PSB apresentou a candidatura de Alessandro Molon para senador, descumprindo um acordo com o PT, que vai lançar André Ceciliano, presidente da Assembleia Legislativa. Agora, o PT ameaça retirar o apoio a Freixo.

Nos eventos de campanha com pessebistas, Lula tem mandado seu recado: "O PT vai cumprir os acordos com o PSB, para o PSB cumprir o que acordou com o PT. Sou do tempo que não precisava de documento para se cumprirem acordos. Eles eram feitos no bigode", discursou o petista, em cima do palanque de Danilo Cabral, candidato a governador em Pernambuco. Visivelmente incomodado, o recado de Lula foi uma resposta ao PSB por ter lançado Molon no Rio e porque a legenda vinha cobrando a presença de Lula em Pernambuco para reforçar a campanha de Cabral e se contrapor ao palanque de Marília Arraes, do Solidariedade, líder nas pesquisas para o governo do estado e que vem fazendo campanha casada com o presidenciável do PT.

Lula fez sua parte e pediu voto para Danilo nos três atos em que participou no estado, embora não tenha feito nenhum aceno hostil a Marília, até porque grande parte do seu eleitorado também vota na neta de Miguel Arraes. Nos eventos em Pernambuco, inclusive, Lula passou momentos constrangedores por conta da disputa entre Marília e Cabral. Foi um dos poucos a não serem vaiados por grande parte do público presente, contrário à aliança do PT com o PSB.

"A tendência é de que o PT e o ex-presidente continuem apostando em Danilo Cabral, o que não significa que Marília deixe de associar seu nome ao de Lula", destaca o cientista político e pesquisador da Fundaj Túlio Velho Barreto, lembrando que a candidata do Solidariedade conta com o apoio de parte do PT no estado. "Todos lembram o apoio e o voto de Danilo Cabral na sessão que golpeou Dilma Rousseff, sem falar na virulenta disputa entre o PT e o PSB pela prefeitura do Recife. Mas isso não deverá atrapalhar a previsível e acachapante vitória que se desenha para Lula em Pernambuco."

> As rusgas entre o PT e o PSB atrapalham em vários estados

Como se nota, a preferência do eleitor nordestino por Lula não lhe assegura palanques tranquilos na região. Menos de 15 dias depois de ter passado por Pernambuco, o ex-presidente retorna ao

RICARDO STUCKERT E REDES SOCIAIS

Juntos. No Ceará, Lula fará campanha com Camilo Santana e Elmano Freitas. Na Paraíba, estará ao lado de Veneziano Vital do Rêgo e Ricardo Coutinho

Nordeste no sábado 30, quando deve lançar a candidatura de Elmano Freitas para governador do Ceará, depois do rompimento da aliança histórica com o PDT de Ciro Gomes. Após uma disputa interna com a governadora Izolda Cela, o PDT cearense escolheu o ex-prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, para disputar o governo do estado. O PT não aceita o nome dele por considerá-lo antipetista, com discursos nos moldes de Ciro, e defendia a reeleição de Cela.

"A montagem do palanque foi contaminada pela disputa nacional e um dos motivos pelos quais Roberto Cláudio foi escolhido é que ele garantiria para Ciro no estado um palanque fiel", comenta a socióloga Monalisa Torres, professora da Universidade Estadual do Ceará. "Izolda seria um palanque híbrido, no qual ela estaria ali com apoio de Ciro e de Lula."

Com o fim da aliança de 16 anos, o PT resolveu lançar o nome de Freitas, ao lado do também petista Camilo Santana para o Senado. Ex-governador do Ceará, Santana tornou-se uma das maiores lideranças políticas no estado e aparece com folga em todas as pesquisas para o cargo que disputa. No domingo 24, os dois se reuniram com Lula em São Paulo. O ex-presidente comprometeu-se a participar da negociação com outros partidos da aliança, como PSB e PSD, e também com não aliados, como PSDB e MDB, em torno da candidatura petista no estado. Há uma grande possibilidade de o ex-senador Eunício Oliveira, do MDB, ocupar ou indicar um nome para a vice na chapa petista.

"Precisamos ver o resultado das elei-

Sergipe. O candidato de Lula é o petista Rogério Carvalho, mas o ex-presidente não descarta apoio de Fábio Mitidieri (PSD)

ções, mas acredito que estamos presenciando o fim do ciclo político dos Ferreira Gomes", opina Torres. Prevaleceu o projeto pessoal de Ciro no rompimento da frente liderada pelo PDT e PT. O presidenciável está em terceiro lugar nas pesquisas no seu próprio estado e acredita que ter um palanque local mais sintonizado com o seu poderá mudar esse quadro. Muito ligado a Camilo Santana, Cid Gomes, irmão de Ciro, também preferia a reeleição de Izolda Cela à indicação de Roberto Cláudio, tanto que nem compareceu à convenção do PDT no domingo 24. Passados dois dias, Izolda deixou o PDT e deve filiar-se ao PT para apoiar o palanque de Elmano Freitas e Camilo Santana.

Depois de passar pelo Ceará, Lula terá agendas no Piauí e na Paraíba. No Piauí, o PT conta com a força eleitoral do ex-governador Wellington Dias, candidato a senador, e tem na cabeça de chapa o ex-secretário da Fazenda Rafael Fonteles, também do PT. "O grande desafio é atrelar a imagem de Lula à de Rafael e fazer com que o eleitor enxergue no candidato alguém que trará algum ar de renovação. Porque existe na discussão política um certo cansaço do poder", pontua Vitor Sandes, cientista político da Universidade Federal do Piauí. O maior adversário dele é Sílvio Mendes, do PP de Ciro Nogueira, que tentará se desvincular de Bolsonaro e estadualizar a disputa.

Na Paraíba, assim como em Pernambuco, há um acirramento na disputa pela imagem de Lula. O governador João Azevedo, do PSB, vincula sua reeleição ao presidenciável petista, mas o PT paraibano apoia o nome do senador emedebista Veneziano Vital do Rego, com Ricardo Coutinho na vaga de senador. Coutinho foi governador por dois mandatos pelo PSB, mas, recentemente, retornou às hostes petistas. "Os problemas em alguns estados devem-se muito a uma situação promovida pela direção do PSB. Seu atual presidente talvez tenha prometido a João Azevedo que Lula estaria no seu palanque, sabendo que não estaria, e começou a criar constrangimento lá atrás, quando o PSB não tinha nenhum interesse nas eleições majoritárias na Paraíba. Onde foi possível, o PT cedeu. Onde o partido tinha posição firmada, como na Paraíba, não foi possível", diz Coutinho, aliado de Azevedo no passado.

O PT paraibano está dividido, assim como o PCdoB e o PV. Muitas lideranças das três legendas têm cargo na administração estadual e não apoiam Veneziano, candidato oficial da federação composta por esses partidos, e sim a reeleição de Azevedo. "O PSB foi tomado pelo grupo petista de Ricardo Coutinho e vinha mantendo o PT como satélite, o que gerou ressentimento de uma ala petista raiz, menos pragmática e que intenta construir um projeto de esquerda estadual comandado pelo partido. Como Veneziano foi intensamente rejeitado por essa ala em razão de seu apoio ao *impeachment* de Dilma, e como ele representa uma das mais longevas oligarquias regionais, o caminho desse grupo é rejeitar a aliança com o MDB e apoiar a reeleição de Azevedo", explica José Artigas,

cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba.

Assim como em Pernambuco e na Paraíba, em Sergipe também há uma disputa pela imagem de Lula. Embora oficialmente esteja no palanque do senador Rogério Carvalho, que disputa o governo do estado pelo PT, o presidenciável não despreza o apoio de Fábio Mitidieri, deputado federal pelo PSD e líder nas pesquisas para o governo, com o apoio do atual governador Belivaldo Chagas. Mitidieri tem feito sua campanha casada com a de Lula e não é interessante para o ex-presidente bater de frente com o candidato favorito.

Lula também tem evitado atacar palanques adversários no Nordeste, para não criar atritos com eles e manter ou ampliar o voto de seus apoiadores. O inverso também acontece: os adversários de Lula nos estados evitam bater no líder das pesquisas, para não perder votos. É o caso da Bahia, onde ACM Neto, do União Brasil e adversário histórico do PT, tem poupado Lula porque sabe que muitos de seus eleitores votam no petista. Recentemente, quando esteve

No Ceará, houve a implosão da aliança do PT com o PDT, que durou 16 anos

no estado, Lula, cujo candidato a governador é o petista Jerônimo Rodrigues, também evitou atacar o ex-prefeito de Salvador. Não se pode dizer, porém, que poupá-lo seria um problema para Lula. O desconforto que o petista enfrenta na Bahia se dá pela opção política feita pelo Solidariedade, partido que o apoia em nível nacional, mas, localmente, está no palanque de ACM Neto.

Caso semelhante acontece no Rio Grande do Norte. A legenda de Paulinho da Força não só faz oposição à governadora Fátima Bezerra, candidata à reeleição do PT, mas ainda tem o ex-ministro de Bolsonaro, Rogério Marinho, do PL, como candidato a senador ao lado de Fábio Dantas, nome do Solidariedade ao governo potiguar. Apesar de tentar se desvencilhar da pecha de que seu palanque é bolsonarista, é inevitável dissociar a candidatura de Dantas do presidente da República, considerando a forte ligação de seu colega de chapa com o atual mandatário do País. Essa característica será explorada por Fátima Bezerra, que utiliza a mesma tática de Lula para tentar ganhar no primeiro turno: incorporou um adversário no seu palanque.

GUSTAVO BEZERRA/PT NA CÂMARA, JANAÍNA SANTOS E REDES SOCIAIS

Choque. No Rio, a candidatura de Molon ao Senado coloca PT e PSB em rota de colisão

O senador da chapa petista será o ex-prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves, do PDT de Ciro Gomes, feito que irritou o PSB a ponto de o presidente nacional da legenda, Carlos Siqueira, acusar o PT de tratar melhor os adversários que os aliados. Alves seria o nome mais forte que Fátima Bezerra poderia enfrentar nas urnas. "Carlos Eduardo já foi aliado e adversário de Fátima no passado. Na eleição passada, ele apoiou Bolsonaro no segundo turno. Por ser do PDT, há um mal-estar entre os petistas, mas a governadora conseguiu ampliar seu arco de alianças", explica o cientista político Anderson Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Alagoas talvez seja o estado nordestino com a eleição mais nacionalizada. Não há espaço para meio-termo, tanto que o candidato do União Brasil, Rodrigo Cunha – apoiado por Arthur Lira –, vem perdendo cada vez mais força por defender a tese "nem Lula nem Bolsonaro", apesar da sua ligação com os bolsonaristas locais. A polarização dá-se entre Paulo Dantas, candidato do MDB com o apoio de Renan Calheiros e Lula, e Fernando Collor, declaradamente candidato de Bolsonaro. "Desde que entrou na disputa, Collor assumiu o segundo lugar e todo seu discurso é na linha de valorizar o legado de Bolsonaro", comenta Luciana Santana, cientista política da Universidade Federal de Alagoas. "Quem não decidir palanque fica sem força." •

A enésima "bondade"

IPI O alívio no imposto socorre a indústria, mas o dividendo político é duvidoso

POR CARLOS DRUMMOND

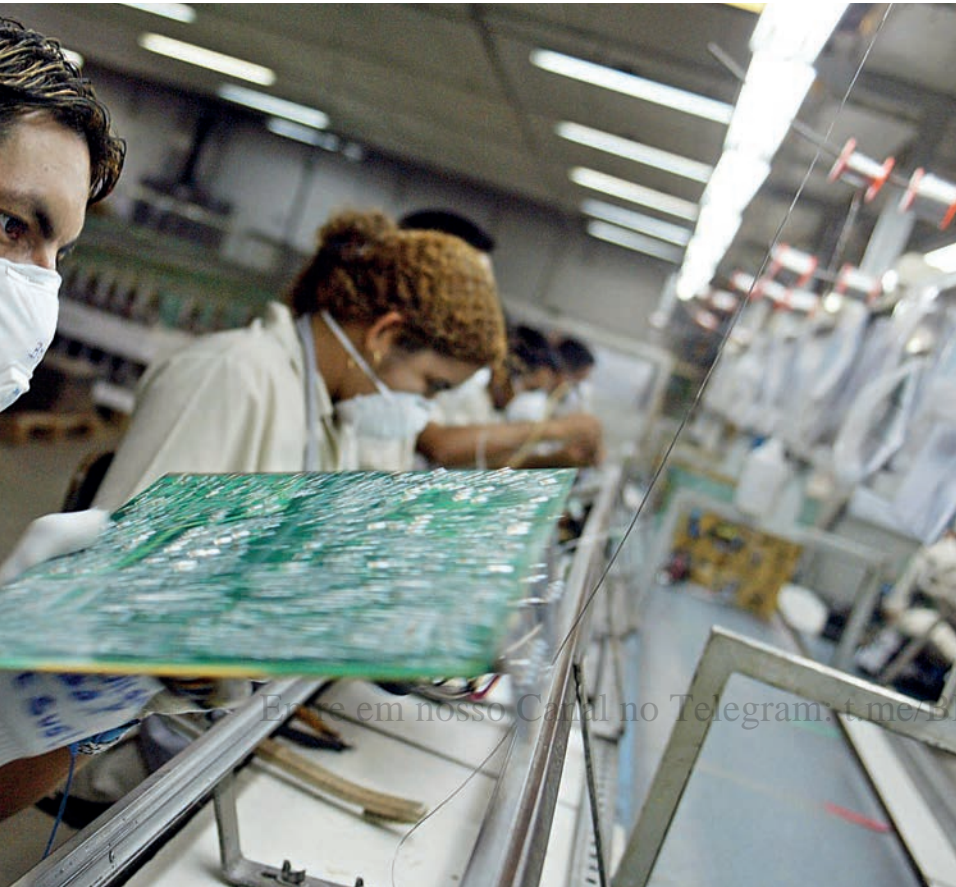
A penúltima bondade eleitoral do governo, o anunciado decreto para redução de 35% no IPI, exceto para os produtos fabricados na Zona Franca de Manaus, a exemplo das benesses anteriores rasga o catecismo liberal, neste caso para estimular o consumo. Trata-se de um recuo considerável, não só diante do fundamentalismo de mercado, mas também perante o Supremo Tribunal Federal, visto por Jair Bolsonaro como um arqui-inimigo, aos políticos da oposição no Amazonas e à indústria em geral, que há anos aguarda tratamento à altura da sua importância para a economia.

O novo decreto substituirá o editado em abril, que reduzia em 10% o IPI nesses produtos, mas foi questionado no STF pelo Solidariedade, com o argumento de que inviabilizaria as indústrias da Zona Franca por retirar a sua vantagem tributária. A ação do partido foi acolhida pelo ministro Alexandre de Moraes. A redução do IPI abrange cerca de 4 mil produtos e significa uma perda de arrecadação de 23,6 bilhões de reais, segundo o governo. É a maior das renúncias fiscais eleitorais, que já ultrapassam 71 bilhões e incluem os 15,51 bilhões que o governo deixará recolher do PIS-Cofins e da Cide sobre a gasolina e o etanol.

A exemplo das medidas pré-eleitorais anteriores, a melhora do tratamento da indústria faz parte da agenda da oposição, que critica a política econômica de Bolsonaro e Paulo Guedes, aceleradora do movimento de desindustrialização. Reivindica-se uma posição de importância para a indústria por ser o setor que mais gera empregos de qualidade, arrecadação tributária, difusão tecnológica, encadeamentos produtivos e competitividade externa, características que levaram os de-

> A redução do IPI soma 23,6 bilhões de reais e é a maior das renúncias fiscais eleitorais

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

$ pág. 40
Dívida. A inadimplência bate recordes. Cuidado na hora de renegociar

Efeitos. Parlamentares se mobilizaram para proteger a Zona Franca de Manaus. A indústria automobilística pode ter um grande impulso nas vendas

mais países a colocá-lo no centro das estratégias de modernização e recuperação econômica por meio de políticas industriais avançadas.

Nada garante, porém, que a medida de ocasião tomada resulte em apoio eleitoral do setor ao governo. Em seguida ao ataque ao sistema eleitoral brasileiro feito por Bolsonaro na segunda-feira 18, diante de embaixadores de dezenas de países, multiplicaram-se os apoios declarados de empresários e banqueiros à normalidade democrática. Na terça-feira 26, a adesão da Federação das Indústrias de São Paulo e de uma nova leva de empresários e banqueiros ao manifesto em defesa da democracia e do sistema eleitoral do País, a ser lançado em ato na Faculdade de Direito da USP no dia 11 de agosto, selou a participação de grande parte do PIB aos protestos contra os desmandos do governo Bolsonaro. Parece repetir-se, neste caso, a frustração governamental diante da tentativa de aumentar o apoio popular à reeleição com o reajuste do Auxílio Emergencial de 400 para 600 reais, medida que, segundo a pesquisa FSB divulgada na terça-feira 26, não reduziu de modo significativo a diferença das preferências de voto entre Lula e Bolsonaro nas famílias com beneficiários.

Nos últimos anos, o governo prometeu várias vezes, mas não cumpriu, reduzir o IPI e, quando finalmente o fez, movido por casuísmo eleitoreiro diante da solidez da dianteira de Lula, não se preocupou com a crise talvez terminal que se instalaria na Zona Franca a partir de uma queda generalizada de alí-

EVARISTO SÁ/AFP E VOLKSWAGEN BRASIL

quotas. Uma diminuição que abrangesse os produtos fabricados dentro e fora da região seria fatal para esta, pois os preços no restante do País se igualariam aos das indústrias de Manaus, que já se beneficiam de imposto baixo por um tratamento diferenciado.

A bancada do Amazonas protestou, senadores Omar Aziz e Eduardo Braga à frente, o Solidariedade entrou com uma ação no STF e o ministro Alexandre de Moraes suspendeu os efeitos do decreto, no que se refere à diminuição de alíquotas do IPI sobre produtos que também sejam fabricados na Zona Franca, aceitando a alegação de que o encolhimento de alíquotas sem medidas compensatórias reduziria drasticamente a vantagem competitiva desse polo industrial e ameaçaria a sua continuidade.

A Coalizão Indústria reuniu-se com Guedes e, na discussão, ficou claro que havia três opções para o governo: fazer um acordo com o Solidariedade, esperar uma decisão do STF ou publicar um novo decreto do governo federal com redução do IPI, exceto para produtos fabricados na Zona Franca. O recuo do governo ficou claro no anúncio do novo decreto, que descartou tanto um acordo com o Solidariedade, que significaria aceitar uma decisão de Alexandre de Moraes, quanto uma decisão final do plenário da Corte. Assim, por razões exclusivamente eleitoreiras, o governo cede e acena aos industriais, onde sua base de apoio, supõe-se, não é tão ampla quanto na agroindústria. A medida de fim de governo é um alívio para um setor industrial que em dez anos perdeu 9,6 mil empresas e 1 milhão de postos de trabalho, enquanto no resto do mundo apostou-se em uma recuperação liderada por investimentos na indústria de alta tecnologia.

O fato de a redução do IPI ser eleitoreira, um lance de oportunismo, não quer dizer que seja nociva para o setor. Ao contrário, a medida torna o produto industrial mais barato e tem efeito positivo para todas as cadeias de produção envolvidas. Economistas especializados em indústria ressaltam o grande impacto que a diminuição desse imposto teria, por exemplo, na produção de automóveis. O mercado de 2 milhões de carros por ano poderia aumentar para 2,5 milhões a 3 milhões de unidades, segundo estimativas.

A mesma perspectiva vale para produtos dos segmentos de vestuário, calçados, utensílios e alimentos industrializados, entre outros. O efeito é um maior crescimento da indústria, que passa a ter mais fôlego e presença mais significativa na economia. O oposto, portanto, do que acontece com a política econômica do atual governo, que promove a desindustrialização, fenômeno que há décadas solapa a economia do País e que tem como um dos efeitos o preço excepcionalmente elevado dos produtos industriais locais.

O governo sinalizou para a indústria que estaria preparando novas bondades, inclusive uma rodada adicional de redução de IPI, para aproveitar a elevação significativa da arrecadação geral proporcionada pela alta da inflação. O Ministério da Economia sabe que o sistema de impostos sobre consumo é muito sensível ao movimento inflacionário e tira partido dessa peculiaridade para agradar a vários setores, com propósitos apenas eleitorais e sem nenhum plano de crescimento ou desenvolvimento. Além de uma nova redução do IPI, ele acena com a depreciação acelerada não

O incentivo surge após anos de atuação contra a indústria por parte do governo

Às avessas. O imposto elevado restringe o consumo de roupas, calçados e eletrônicos. Em compensação, os donos de iates estão isentos de tributos

só para a indústria, mas para todas as empresas que investem. Isso permitiria às empresas abater o custo daquilo que teriam de pagar em Imposto de Renda.

Por estranho que possa parecer, a modificação do IPI confirma, para alguns, a intenção do governo de não fazer a reforma tributária, nem mesmo aquela que se restringe a uma simplificação do sistema de impostos e tributos. Um dos principais motivos para o que parece ser um recuo do governo em relação à promessa de reforma é que isso implica conflitos, por exemplo, com o agronegócio, no caso de se pretender arrecadar no setor um imposto um pouco mais elevado sobre o consumo. Outros problemas seriam a tributação do setor de serviços e a questão da Zona Franca de Manaus.

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Iedi, defende a reforma proposta pelo Centro de Cidadania Fiscal, que tem como eixo a substituição de cinco tributos atuais – IPI, ICMS, ISS, PIS e Cofins – por um único imposto sobre bens e serviços, o IVA – Imposto sobre Valor Agregado, de amplo uso no mundo, que no Brasil se chamaria Imposto sobre Bens e Serviços, o IBS. O resultado seria "um enorme ganho de produtividade e competitividade para as empresas brasileiras", segundo o documento intitulado *Uma Reforma Tributária em Prol da Competitividade*, devido à complexidade da estrutura atual, ao alto grau de litígio e disputas judiciais que resultam em insegurança jurídica e menor investimento. Uma estrutura "pouco transparente e injusta, pois não tributa adequadamente as pessoas mais ricas do País, e desigual, devido a inúmeros benefícios fiscais e tratamentos diferenciados". Alguns cálculos preveem que a simplificação de impostos proposta poderia proporcionar um salto de 10% a 15% para a indústria. Até mesmo a redução do número de impostos para dois, no máximo três, seria benéfica, segundo analistas.

Além da reforma tributária sobre o consumo, há necessidade de uma reformulação mais ampla, concordam vários setores. O economista Eduardo Fagnani, professor do Instituto de Economia da Unicamp, defende, em uma reforma tributária abrangente, o estabelecimento de um ônus para desincentivar setores e processos intensivos em insumos não renováveis, poluidores e degradadores do meio ambiente e de incentivos tributários para ações que promovam a preservação e recuperação dos ecossistemas e estimulem o desenvolvimento de cadeias de produção e tecnologias sustentáveis. Uma alternativa seria transformar o IPI em um imposto seletivo com abrangência além dos produtos tradicionais, como os derivados do tabaco, bebidas alcoólicas e combustíveis fósseis, para alcançar outros produtos vinculados a comportamentos danosos ao meio ambiente e à saúde. As alíquotas do IPI seriam então zeradas para a maioria dos produtos e sua incidência se concentraria nos produtos vinculados às externalidades negativas.

A segunda possibilidade seria a transformação da Cide-Combustível em Cide-Ambiental. "Neste caso", propõe Fagnani, "a contribuição ampliaria a base de tributação para grandes poluidores, setores intensivos em recursos não renováveis e grandes minerações, e teria vinculação com o financiamento das ações ambientais. Seria criada também a Cide-Saúde, com incidência sobre tabaco, bebidas alcoólicas e outros produtos danosos à saúde definidos em lei, com os recursos vinculados à saúde pública." •

SEBRAE-SP E BR MARINAS

A China prestes a “quebrar”?

FAKE NEWS As arapucas da ideologia liberal para os incautos

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO E ELIAS JABBOUR*

Passava-se a primeira metade da década de 1990 e o “Mundo de Alice” oferecido pelos equilibristas de plantão estava longe de ser entregue. A desregulamentação dos mercados financeiros, a abertura das contas de capitais, privatizações e cortes de direitos sociais não foram substituídos por economias mais dinâmicas nem no centro, muito menos na periferia. Mas os donos da narrativa (e do dinheiro) mantinham-se firmes. Foi uma época em que a crise financeira asiática de 1997 serviu de suporte para que os profetas do “neoinstitucionalismo” e os explicadores das razões dos “fracassos das nações” fossem à ofensiva contra as experiências desenvolvimentistas, a começar da Coreia do Sul. Poucos deram bola ao papel da China na estabilização da situação econômica regional. Mas já era pauta na bolsa de apostas de Londres, não se a China iria quebrar, e sim quando.

Desde então, vêm se multiplicando as capas de revistas e longas entrevistas de “especialistas” explicando por “a” mais “b” o iminente colapso chinês. Essa espécie de narrativa vem se fortalecendo nos últimos anos, quando, por escolha própria, os chineses optaram por taxas menores de crescimento. Essa opção tem explicações. A escolha por crescer “verde”, por investimentos maciços em ciência, tecnologia e inovação e o foco na geração de 13 milhões de empregos urbanos por ano, “doa a quem doer”, foi limpando o terreno de alguns desequilíbrios que o crescimento de dois dígitos carrega em sua natureza. Inclusive, aquele que o presidente Xi Jinping chama de “crescimento descontrolado do capital”.

Um dos grandes problemas dos “especialistas” em China é que vários deles partem do princípio de que a China é uma economia capitalista tradicional formada com um núcleo produtivo e financeiro à mercê das mesmas “leis” que governam as economias capitalistas do Atlântico Norte.

A arquitetura institucional chinesa envolve a definição de estratégias de longo prazo executadas por empresas e bancos públicos empenhados na criação de espaços para o “empreendedorismo” privado. Isto significa que o “social” abrigado no Estado estabelece os marcos regulatórios destinados a assegurar as taxas de investimento e de acumulação de capital programadas e permitir um processo ordenado de “graduação” tecnológica. Assim são gerados ganhos de produtividade expressivos e, consequentemente, a manutenção da competitividade das empresas locais, diante dos rivais e concorrentes no mercado internacional. Ao mesmo tempo, este sistema de coordenação “orgânico” promove, de forma planejada, a renovação das indústrias “envelhecidas” e dos setores em crise ou de menor dinamismo, de modo a evitar que a incerteza contamine as decisões empresariais. Essa função de “planejamento”, crucial nas relações entre o Estado e o setor privado, tem assegurado a disposição dos empresários privados em continuar investindo aceleradamente e a inclinação dos bancos em sustentar o endividamento das empresas.

> Parte dos “especialistas” acredita que a China é uma economia capitalista tradicional

Com mais de 3 trilhões de dólares de reservas cambiais, o Estado controlando o núcleo da economia chinesa formado por eficientes 96 conglomerados empresariais estatais e um sistema financeiro público constituído por cerca de 30 bancos de desenvolvimento do mesmo princípio ativo do BNDES e que leva as empresas nacionais a se endividarem em moeda nacional, como sustentar a hipótese de que a China está fragilizada ou “quebrando”?

É fácil. Vamos vislumbrar o todo por uma das partes. A pressão governamental sobre o setor imobiliário inicia-se em 2015, quando o presidente chinês declarou que “apartamentos são feitos para morar, não especular”. Uma poderosa declaração dessas em uma economia capitalista convencional seria mais um sinal àqueles que acham que o Estado só atrapalha. Na China, já eram conhecidos os esquemas Ponzi, pelos quais se mantinham em pé esquemas empresariais como o da Evergrande. Uma imensa reser-

Economia

A Evergrande quebrou, como previa Pequim, e passa por lenta e segura estatização. A China tem 30 bancos de desenvolvimento semelhantes ao BNDES

va de mercado fora aberta com a intensificação do processo de urbanização do país, elevando o papel de grandes conglomerados privados que tomaram para si o papel de construir mais de 100 milhões de apartamentos nos últimos dez anos.

O alerta emitido por Xi Jinping foi uma satisfação ao seu próprio sistema financeiro, sobrecarregado com empréstimos vultosos e dificuldades cada vez maiores em entregar os apartamentos. A situação fiscal das províncias do país foi se deteriorando na medida em que boa parte de suas receitas dependia de aluguéis de terras às empreendedoras. Desde 2016, amigos economistas do Conselho de Estado e da Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado (Sasac) já nos diziam dos planos do governo: não somente permitir a quebra desse setor central da economia chinesa, mas, inclusive, estatizá-lo. No final, estavam certos. A Evergrande quebrou e atualmente passa por um lento, gradual e seguro processo de estatização.

Decisões desse tipo não ocorrem impunemente. O Estado teria de lidar com cerca de 2 milhões de empreendimentos hipotecários da Evergrande garantidos por bancos estatais. Nas últimas semanas, essa gente organizada decidiu parar de pagar as hipotecas e os bancos, em uma atitude infeliz, retiveram suas poupanças. Cabeças estão rolando daqueles que tomaram a decisão de reter as poupanças e, neste caso, a tendência é de normalização da situação.

Mas observemos esse tipo de ocorrência dentro de um escopo de maior alcance. Desde 1978, a dinâmica da economia chinesa tem sido caracterizada por uma capacidade imensa de entregar respostas institucionais rápidas aos dramas do processo de acumulação. Diante de uma série de contradições sociais acumuladas ao longo de décadas, a presente e ampla reforma em andamento na China são as já citadas mudanças nos esquemas de propriedade. A resposta da economia a essas mudanças de fundo até que surpreende, mas indica o baque sentido pelo setor privado, enquanto o setor público continua a sustentar o processo de crescimento. Por exemplo, informações trazidas pelo economista Michael Roberts apontam que os lucros no setor capitalista vêm caindo. Os lucros auferidos pelas empresas industriais da China aumentaram apenas 1% no comparativo anual, para 34,41 trilhões de yuanes

ISTOCKPHOTO E NOEL CELIS/AFP

(US$ 1 = 6,75 RMB) em janeiro-maio de 2022, desacelerando em relação ao aumento de 3,5% no período anterior, à medida que os altos preços das matérias-primas e as interrupções na cadeia de suprimentos devido às restrições da Covid-19 continuaram a espremer as margens e a interromper a atividade fabril. Os lucros das empresas industriais estatais subiram 9,8%, enquanto os do setor privado caíram 2,2%. Apenas o setor estatal continua a funcionar.

A China está muito longe de "quebrar". Apenas está sofrendo as dores do parto de uma dura transição interna e de constantes lockdowns que paralisam a atividade econômica em grandes centros e elevam a temperatura de certos indicadores. O desemprego urbano entre os jovens até 25 anos alcançou 16,8% recentemente. A resposta tem vindo com pacotes fiscais lançados justamente para infraestruturas urbanas. Somente este ano, alcançaram a casa de 1 trilhão de dólares os estímulos a esse tipo de empreendimento. Por último, mas não menos importante, este ano, a "frágil" economia chinesa terá um desempenho impressionante, dada a realidade que apresentamos até aqui. A previsão de crescimento este ano, segundo o FMI, é de 4%. Maior que todas as "sadias" economias do G-7. O previsto para os anos entre 2020-2027 é de 4,9%, em média. O dobro da previsão para os Estados Unidos. Dez vezes maior do que se prevê ao Japão.

Desde 1978, a economia mostra imensa capacidade de resposta aos dramas da acumulação

Capitalismo de Estado ou Socialismo de Mercado? A essa indagação, cabe a resposta de Deng Xiao Ping, na aurora dos anos 1980: "Não importa a cor do gato, se o bicho caça ratos". Recentemente, o presidente Xi Jinping anunciou as políticas de "ampliação do papel do mercado" e de reforço às empresas estatais. O propósito, dizia ele, é alentar o empreendedorismo e a inovação.

No Brasil de hoje, o governo e seus apoiadores estão obcecados com a cor do gato. Se o gato é capaz de caçar ratos, isso não interessa. A figura de Paulo Guedes é emblemática. •

**Elias Jabbour é professor associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Uerj e autor, com Alberto Gabriele, de* China: o Socialismo do Século XXI *(Boitempo, 2021).*

Bola de neve

ENDIVIDAMENTO O Idec condena os mutirões de renegociação de dívida, enquanto a inadimplência da população bate recordes

POR WILLIAM SALASAR

O endividamento e a inadimplência batem recordes no Brasil. Segundo pesquisa da Confederação Nacional do Comércio, o porcentual de famílias endividadas em junho atingiu 77,3%, terceiro maior nível da série histórica, iniciada em 2010. A taxa só é inferior àquelas aferidas em abril e maio, de 77,7% e 77,4%, respectivamente. Os dados mostram ainda que, desde julho de 2021, a taxa de endividamento se supera a cada mês, com os 12 níveis mais elevados da série histórica, sempre acima de 71%. O porcentual de famílias brasileiras com contas atrasadas, por sua vez, atingiu, em abril e maio, o maior nível desde agosto de 2007, com taxas de 28,6% e 28,7%, respectivamente. Em junho, o indicador permaneceu muito próximo, 28,5%.

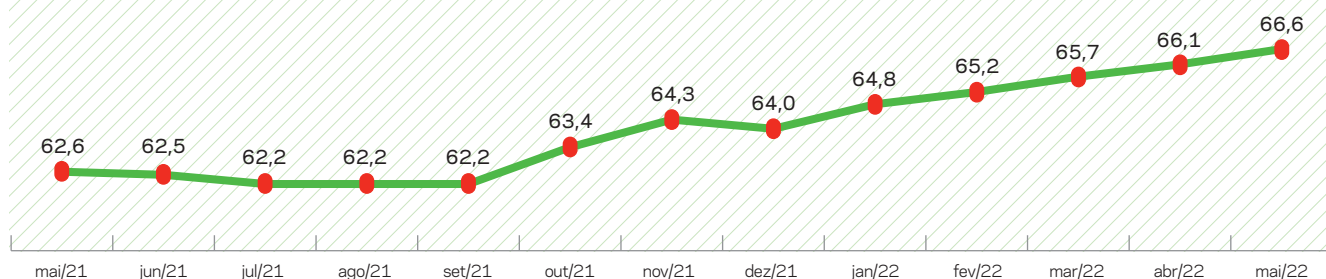
Dados da Serasa Experian mostram um quadro semelhante. O levantamento mais recente, de maio, aponta 66,6 milhões de pessoas físicas com parcelas não pagas, recorde da série histórica, iniciada em 2016. São 66,1 milhões de CPFs negativados. A tendência é piorar. "O número nunca tinha passado dos 66 milhões e ocorreu pela primeira vez em abril", assinala o economista da Serasa Luiz Rabi, que antevê novos recordes "ao longo do próximo trimestre ou até o fim do ano", em razão da escalada conjunta de inflação e taxas de juro.

Uma das saídas mais procuradas pelos endividados e inadimplentes são os chamados feirões ou mutirões de renegociação de dívidas, como os organizados neste mês pelos Procons do Rio de Janeiro e da Paraíba. Segundo a superintendente Késsia Liliana, os eventos estavam lotados como nunca antes nos 36 mutirões anteriores. A proposta é auxiliar os endividados a renegociar suas dívidas em condições mais favoráveis, ou mais compatíveis com sua capacidade de pagamento, e assim "limpar o nome" nos birôs de crédito, como Serasa, SPC, Boavista e Transunion, entre outros. O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, um dos mais respeitados do País, fundado em 1987, afirma, no entanto, que

Os acordos não são adequados, aponta o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. O BC e a Febraban discordam

IDEC E RENATO LUIZ FERREIRA

os feirões não só não resolvem como pioram a situação do devedor. "A renovação da dívida, muitas vezes parcelada e com um prazo superior, além de não estar alinhada com a capacidade de pagamento, tem um potencial de aumentar o endividamento do consumidor pela maior exposição às taxas de juro", afirma a coordenadora do Programa de Serviços Financeiros do Idec, Ione Amorim. "Dessa maneira, muitos acordos, além de não resolverem o problema, aumentam o valor da dívida", sustenta, com base em dados do Banco Central: na média de 15 meses, a modalidade de crédito rotulada como

Armadilha. Os feirões não resolvem, às vezes até estimulam o aumento da dívida, diz Ione Amorim, do Idec

Fonte: Serasa Experian

Efeito. A inadimplência afasta as famílias do consumo e afeta o desempenho do varejo

"composição de dívidas" ocupa a segunda posição em termos da inadimplência, como uma fatia de 12,5%, atrás somente do cartão de crédito rotativo, responsável por 30,70% do total. "É um forte indicativo de que essas operações são realizadas fora de uma avaliação de capacidade de pagamento, que posteriormente não são cumpridas e retornam para a situação de inadimplência."

O BC, assim como a Federação Brasileira de Bancos, questiona a análise do Idec. O Banco Central esclarece que nem toda a recomposição de dívidas tem origem nos mutirões. "Ademais, o público-alvo da recomposição de dívidas é naturalmente composto de pessoas com alto risco de inadimplência, o que impede sua comparação com as taxas de inadimplência das demais modalidades de crédito, que possuem carteiras com clientes de variados riscos de crédito. Portanto, os dados do BC não permitem concluir que a renegociação de dívidas aumentaria o superendividamento."

A Febraban, por sua vez, lembra que apenas uma parcela (29,1%) dos em torno de 64,2 milhões de negativados, pelos registros da Serasa, refere-se a bancos e cartões. O restante está relacionado principalmente a serviços essenciais (água/luz/telefone/gás) e a crédito no comércio. "A renegociação faz parte do cotidiano dos bancos e é realizada de forma constante e permanente, sendo possível fazê-la por meio dos canais de atendimento dos bancos ou ainda pelo site consumidor.gov.br, da Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça", informa a instituição.

Segundo a entidade, em 2021 foram realizados mais de 220 mutirões com resolutividade de 80%. No mais recente, entre 7 e 31 de março, foram renegociados 1,7 milhão de contratos, volume 178% maior que aquele do mês anterior, contribuindo para que o volume final de contratos em atraso repactuados entre março de 2020 e março de 2022 totalizasse 20,4 milhões, em valor superior a 1,1 trilhão de reais de saldo negociado. "Esses valores trouxeram alívio financeiro imediato para empresas e consumidores, que passaram a ter uma carência entre 60 e 180 dias para pagar suas prestações. A maioria dos beneficiados com prorrogação de parcelas foi representada por pequenas empresas e pessoas físicas, ao redor de 80 bilhões de reais", ressalta a Febraban.

O BC defende os mutirões como "adequados para cidadãos com problemas pontuais para o pagamento de suas operações de crédito". Para os superendivi-

dados, ou seja, sem capacidade financeira para pagar suas dívidas e manter seu próprio sustento ou de sua família, recomenda-se a Lei 14.181, de 2021, conhecida como Lei do Superendividamento, com o auxílio dos Procons estaduais e municipais.

Muito menos conhecida do que os feirões ultrapropagandeados – a Febraban contabilizou mais de 182 milhões de consumidores impactados por meio das redes sociais, influenciadores e programas de rádio e tevê no seu último mutirão –, a Lei 14.181 entrou em vigor há um ano. Seu propósito consiste em aumentar a proteção aos cidadãos com muitas dívidas, evitar o assédio ou pressão pelas instituições financeiras aos consumidores mais vulneráveis e criar uma opção para renegociação e quitação das dívidas existentes. A legislação possibilita ao consumidor superendividado solicitar uma audiência conciliatória com a presença de todos os credores e apresentar proposta de plano para pagamento das dívidas com prazo máximo de cinco anos, preservando o que a lei chama de "mínimo existencial". Na quinta-feira 28, o governo federal anunciou o valor estabelecido, 303 reais. Em nota, o Idec criticou o patamar: "A decisão não leva em consideração a realidade atual da população brasileira. Até mesmo o recente aumento do Auxílio Brasil fica prejudicado com o novo decreto, já que a população endividada chega a 77% das famílias".

O Procon do Rio ressalta que o consumidor endividado é diferente de um consumidor em situação de superendividamento. E o tratamento dado a cada caso também é diferenciado. Os mutirões de renegociação são voltados para os consumidores endividados, que passam por um refinanciamento de suas dívidas, a fim de não entrar em situação de superendividamento. Os casos de superendividamento são encaminhados para um núcleo especializado do Procon fluminense, os casos são escrutinados, dívida por dívida, em busca da melhor solução, em conjunto com todos os credores, de modo a respeitar a capacidade financeira do consumidor para quitar as dívidas de consumo, sem comprometer o seu mínimo existencial.

Fernando Nogueira da Costa, economista: "O problema só será de fato resolvido quando a economia voltar a crescer de maneira sustentada"

Para o consultor de finanças Kenio Fonseca, da Ethimos Investimentos, os feirões podem manter ou até mesmo aumentar a dívida dos consumidores, se o devedor não estiver preparado para a renegociação, o que implica listar todas as suas despesas e receitas e tratar de fazer a nova parcela caber no bolso. "O primeiro passo é montar um quadro de suas receitas e suas despesas, para identificar e cortar gastos supérfluos, como aplicativos de música, tevê a cabo, gastos extras como aplicativos de *delivery*", diz. Renegociar a dívida sem reorganizar despesas e receitas traz como resultado natural a inadimplência, pois as empresas, bancos ou entidades não verificam se ele tem condições de assumir o novo encargo. É um erro das instituições financeiras não fazer essa checagem", sublinha.

Fonseca. Cortar gastos supérfluos

MATEUS CAMPOS E REDES SOCIAIS

O professor Fernando Nogueira da Costa, do Instituto de Economia da Unicamp, alerta para a "dupla dimensão" do problema: a macrossocial e a microeconômica. O quadro macrossocial compreende 12 milhões de desocupados em uma força de trabalho de 107 milhões. A taxa de desocupação alcançou 14,9% no primeiro trimestre de 2021 e baixou para 11,1% um ano após, mas as dívidas permaneceram e os rendimentos (mesmo de quem conseguiu ocupação) ainda não dão conta de supri-las. Do lado microeconômico, dois terços das concessões mensais do crédito total, recursos livres e direcionados, são realizados com cartões de crédito: 66% com pagamento à vista sem juros, 10% no crédito rotativo com juros de 350% ao ano e 3% parcelado com juros de 160% ao ano. Resultado: em abril, 88,8% das famílias tinham dívidas com cartões de crédito. Nos casos dos agregados com renda mensal acima de dez salários mínimos (5% mais ricas), o porcentual chegava a 91,6%, segundo a CNC. Portanto, conclui o professor, ex-vice-presidente da Caixa e ex-diretor da Febraban, os feirões Limpa Nome devem ser vistos como meros paliativos em uma vã tentativa de resolver um problema macrossocial em análise microeconômica caso a caso. "O problema só será, de fato, resolvido quando a economia brasileira voltar a crescer de maneira sustentada, com geração de empregos e renda para os atuais desocupados e endividados. •

"FALTA PROJETO DE ESTADO PARA A SUSTENTABILIDADE"

OSKAR METSAVAHT, fundador da fabricante de artigos esportivos Osklen

O escudo do dragão

Para se proteger de possíveis retaliações dos EUA, Pequim troca dólares por euros e ienes

Pela primeira vez desde 2010, as aplicações da China em títulos do Tesouro dos EUA (os *treasuries*) caíram abaixo de 1 trilhão de dólares, expressando o receio de Pequim com o risco de sanções como as impostas à Rússia pela invasão da Ucrânia. No final de maio, o saldo ficou em 980,7 bilhões de dólares, 22,6 bilhões a menos do que em abril, encolhendo 9% em seis meses, revelam dados do Departamento do Tesouro dos EUA.

A Agência Nikkei informa que o Ministério das Finanças da China e o Banco Popular da China se reuniram em 22 de abril com executivos de bancos nacionais e estrangeiros para discutir como proteger ativos no exterior no caso de sanções lideradas pelos EUA em represália a um ataque a Formosa. A China já foi a maior detentora de *treasuries* do mundo, mas começou a reduzir sua posição em 2018, por causa da guerra comercial de Donald Trump, ficando atrás do Japão, em junho de 2019.

Cerca de 60% das reservas em moeda estrangeira da China estavam em dólares, desde 2016. A posição em ouro não mudou muito desde setembro de 2019, sugerindo que Pequim pode estar substituindo *treasuries* por iene e euro, como um representante do governo sugeriu no encontro com executivos, diz a Nikkei.

CORBE TOYS, OSKLEN USA E REDES SOCIAIS

FARIA LIMERS EM AÇÃO

"Coloque seu coletinho da 'PX', encha seu copo da moda de trezentos conto de 'breja' e desbloqueie seu patinete elétrico no aplicativo para entrar nesse grande meme que é o Faria Limer". Assim a Corbe Toys descreve o boneco inspirado no estereótipo dos *habitués* da Avenida Faria Lima, centro financeiro da capital paulista. O produto está na fase de pré-venda, por 130 reais, e começará a ser enviado em novembro. Segundo o dono da Corbe Toys, Luís Ricardo Aizcorbe, já foram vendidos 130 faria limers. Na prancheta, outras figuras do imaginário paulistano, como o Santa Cecilier, jovem com viés à esquerda, e o Crossfiteiro.

Pessimismo

Caiu 5 pontos porcentuais o otimismo dos empresários brasileiros com a economia, para 57%, revela pesquisa da consultoria internacional Grant Thornton. Realizado em 28 países com mais de 4,6 mil empresários, o estudo semestral International Business Report mostrou queda do otimismo quanto à recuperação da economia em vários países nos próximos 12 meses. Os otimistas apareceram em menos da metade dos países pesquisados, tendo à frente o Vietnã, com 88%, seguido pela Austrália (83%) e pelos EUA (81%). Na América Latina foram registrados 55%, abaixo do índice global, de 64%.

Mais dívida

O Índice de Empréstimo FinanZero (IFE) de junho, que analisou 12,2 milhões de cadastros na base de usuários da *fintech*, mostrou alta de 34% nos pedidos de crédito pessoal nos últimos 12 meses, com a principal finalidade de quitar dívidas (33%). Em segundo lugar, apareceu a razão "negócio próprio", que chegou a 17% das solicitações registradas na plataforma da *fintech*. O número está relacionado ao expressivo crescimento do empreendedorismo por necessidade, em que os trabalhadores optam pela chamada "pejotização" como alternativa à falta de emprego.

Sob nova direção

A Volkswagen informou que o CEO global Herbert Diess será substituído no cargo e no Conselho de Administração por Oliver Blume, CEO da Porsche. Diess assumiu o posto em 2018 no escândalo da fraude nas emissões de diesel da montadora, com um estilo de gestão ácido que o fez bater de frente com o poderoso conselho de trabalhadores da montadora, ao afirmar que 30 mil postos seriam cortados, se a Volks não acelerasse a mudança para o carro elétrico (EV). Mas sua própria condução da mudança decepcionou: houve problemas com o software dos EVs e ele não atingiu as metas de vendas deste ano dos novos veículos na China.

NÚMEROS

343 mil

salões de beleza foram abertos no País desde 2020

8.892

ações por falta de pagamento do condomínio ingressaram nos fóruns paulistanos nos últimos 12 meses

51,8%

caiu o volume de recursos investidos em startups entre o primeiro semestre de 2021 e de 2022, para 11,6 bilhões de reais, enquanto o private equity amealhou 28,1 bi

O dia da caça

TheObserver Mais um herói da luta contra o *apartheid* é envolvido em escândalo de corrupção na África do Sul

POR JASON BURKE, DE JOHANNESBURGO

Foi uma semana movimentada para Cyril Ramaphosa, o afável presidente da África do Sul. Ele convocou seus 60 milhões de compatriotas a lembrar o legado de Nelson Mandela, falou em um fórum de investimentos realizado no "quilômetro quadrado mais rico da África" e prestou generosas homenagens a um alto funcionário do Congresso Nacional Africano, o partido no governo. Nada disso terá estressado o político veterano, prisioneiro do regime do *apartheid* da África do Sul e considerado o herdeiro de Mandela. Mas uma pequena notícia poderia: Ramaphosa foi ameaçado com uma intimação por um órgão de defensoria pública que investiga um escândalo que poderá representar séria ameaça à sua presidência.

"Ele foi empurrado para um canto. Esta é uma granada lançada em sua carreira política", disse Ralph Mathekga, analista político e autor sul-africano. Os detalhes surpreendentes do que a mídia local chamou de Farmgate vazaram ao longo de meses e envolvem o presidente em uma trama que poderia ser tirada diretamente de uma das emocionantes séries policiais de tevê muito populares no país.

A história começa com uma queixa criminal apresentada por um ex-chefe insatisfeito do serviço de inteligência da África do Sul em uma delegacia de polícia de Johannesburgo, na qual detalha o roubo, há dois anos, de 4 milhões de dólares em dinheiro de uma fazenda de caça e gado de propriedade de Ramaphosa, na província de Limpopo, a duas horas de carro de sua residência nos Union Buildings, em Pretória, a capital administrativa. A divulgação da presença dessa quantia em moeda estrangeira na fazenda do presidente foi apenas o começo. Por razões que ninguém consegue explicar, o dinheiro estava escondido em sofás. Em vez de denunciar o roubo à polícia, policiais da força de proteção presidencial teriam sido enviados para localizar a quantia desaparecida. Depois de seguir o rastro para várias partes da África do Sul e da vizinha Namíbia, os homens do presidente encontraram e interrogaram os ladrões, mas depois teriam pago para eles se calarem. Uma empregada doméstica da fazenda também teria recebido dinheiro em troca de silêncio.

Até agora, Ramaphosa admitiu que o roubo ocorreu, mas disse que o dinhei-

O sumiço de 4 milhões de dólares de uma fazenda põe em risco a reeleição de Cyril Ramaphosa

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 50

The Observer.
Biden cede ao pragmatismo no Oriente Médio

Fortuna. Ramaphosa tem um patrimônio estimado em 700 milhões de dólares. O montante roubado de uma de suas fazendas levantou a suspeita de lavagem de dinheiro e financiamento ilegal do CNA, o partido governista

ro era a renda legítima de um leilão de gado premiado e que ele não fez nada de errado. Depois de perder vários prazos e de ser ameaçado com uma intimação, ele respondeu a 31 perguntas feitas pelo gabinete do defensor público, com mandato constitucional, na sexta-feira 22. "Não foi o caso de o presidente demorar muito para responder às perguntas, foi apenas o caso de ele ter uma agenda muito lotada, onde tinha várias prioridades para atender. Infelizmente, não pudemos atender a esta a tempo", disse um porta-voz a repórteres.

A criação de animais para caça é um grande negócio na África do Sul e pode gerar altas receitas. Mas especialistas em comércio dizem que é raro alguém guardar dinheiro em casa, por medo de atrair ladrões violentos. Outros sugerem que o dinheiro deveria ser distribuído entre os integrantes do CNA para conquistar apoio, prática ilegal, mas comum. Apoiadores do presidente dizem que ele é vítima de uma campanha de difamação antes de uma provável disputa brutal para ganhar um segundo mandato como presidente do partido em dezembro, na conferência do CNA. Isso permitiria a Ramaphosa vencer um segundo mandato de presidente nas eleições de 2024. Como titular e um dos poucos políticos do CNA com apelo popular, ele é o favorito.

O dano causado pelo escândalo Farmgate é, no entanto, considerável. Ramaphosa foi eleito com um mandato para reparar os profundos danos causados às instituições e à economia sul-africanas por Jacob Zuma, cujo governo de nove anos terminou em meio a denúncias de corrupção sistemática e má gestão em 2018. Isso significa enfrentar inimigos que são muitos, e sem escrúpulos. A capacidade de Ramaphosa de fazer isso é seriamente prejudicada pela suspeita de que ele cometeu violações potencialmente graves da lei e dos códigos de conduta oficiais. Estas podem incluir a não divulgação de um crime, o uso indevido de fundos públicos, lavagem de dinheiro, evasão fiscal e muito mais.

Judith February, diretora da Freedom Under Law, ONG que trabalha para defender os valores democráticos e o Estado de Direito na África do Sul, disse que

PHALA PHALA FARMS, PRESIDÊNCIA DA ÁFRICA DO SUL E ISTOCKPHOTO

até agora apenas um lado da história do Farmgate foi ouvido. Embora tenha ignorado o defensor público durante semanas, Ramaphosa dispôs-se a comparecer perante autoridades do CNA para se explicar. “É muito difícil dizer o que ele fez de errado. Ele parece mais interessado em apaziguar o partido do que em ser transparente com o povo. Então parece um encobrimento amador... e isso tem sérias consequências para a integridade de nossas instituições”, disse February.

O escândalo chega em mau momento para Ramaphosa. Com o desemprego crescente, uma infraestrutura em colapso e um crescimento anêmico, até os apoiadores admitem que seu primeiro mandato foi decepcionante. A Covid, as inundações e a guerra na Ucrânia não ajudaram, nem a resistência feroz dos partidários de Zuma, que instigaram tanta agitação no ano passado que Ramaphosa a chamou de “insurreição”.

O escândalo Farmgate alimentou uma decepção mais ampla com o CNA e um sistema político que permitiu ao partido ficar 28 anos no poder. A tendência de Ramaphosa a evitar conflitos e buscar consenso, vista como uma grande força quando ele era um político mais jovem, agora pode ser uma fraqueza. Um inquérito judicial sobre corrupção no governo Zuma recentemente criticou Ramaphosa por não agir contra ou se manifestar como vice-presidente de 2014 a 2018. “No sistema político sul-africano, a capacidade de construir coalizões complexas é fundamental para conquistar cargos no topo, e Ramaphosa é muito bom nisso”, disse Anthony Butler, professor de estudos políticos na Universidade da Cidade do Cabo e biógrafo do presidente. “Mas a crise em que a África do Sul está hoje não precisa de coalizões, precisa de decisões. Simplesmente dizer as coisas certas para públicos diferentes apenas dá aos habitantes a sensação de que Ramaphosa não pode traçar um caminho a seguir.”

O Farmgate eclodiu em meio à alta da inflação e às sequelas econômicas da pandemia de Covid

Cortes de energia em todo o país de até 12 horas por dia desde meados de julho e uma série de tiroteios em bares reforçaram a sensação de que o presidente é ineficaz ou mesmo inadequado.

Em Diepsloot, município pobre nos arredores de Johannesburgo, onde dezenas de milhares vivem amontoados em barracos de lata ou casas de cimento de um cômodo, havia sentimentos contraditórios. Poucos viram muita melhora em suas vidas nos últimos anos, e muitos dizem que estão em pior situação.

O presidente nunca escondeu sua riqueza, estimada em 700 milhões de dólares, e rejeitou as críticas como racistas e hipócritas. Mas sua fortuna, adquirida durante uma década afastado da política depois de ser preterido como sucessor quando Mandela deixou a presidência, em 1999, às vezes provou ser uma fraqueza. Há dez anos a polícia matou a tiros 34 mineiros em greve de uma empresa na qual ele estava envolvido. O entusiasmo de Ramaphosa pela criação de animais de alto valor, incluído o gado da raça Ankole-Watusi, também atraiu críticas. Em 2012, ele desculpou-se por oferecer mais de 1 milhão de dólares por um touro Ankole-Watusi e um bezerro em um leilão, num país onde milhões vivem em profunda pobreza, mas rejeitou as críticas ao seu sucesso nos negócios como “grosseiras e racistas”.

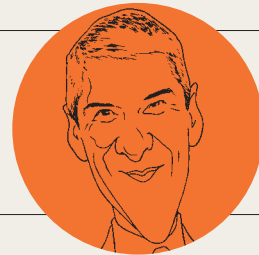
Dez dias atrás, Ramaphosa prometeu anunciar reformas para acabar com a crise de energia, mas nenhuma foi apresentada. Suspeita-se que ele não conseguiu convencer altos funcionários do CNA de que o profundo envolvimento político e econômico do partido na indústria do carvão deve ser ao menos reduzido.

“Não parece haver qualquer urgência, porque são os eleitores do partido que ele está tentando atrair, e há quem agora mantenha um escândalo sobre sua cabeça”, disse February. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Abandono. Em Soweto, a vida continua difícil como era antes da ascensão do CNA

ISTOCKPHOTO

JOSÉ SÓCRATES

A crise europeia

▶ O continente enfrenta a incerteza da continuação da guerra, a escassez energética, nova época de juros mais altos e uma inflação que ameaça a qualidade de vida

A inflação na Zona do Euro alcançou, em junho, os 8,6%. Nove dos 19 países tiveram uma taxa acima dos 10%. Subitamente, regressou ao discurso político europeu a expressão "aumento do custo de vida", linguagem que não se ouvia aqui há décadas. O Banco Central Europeu decidiu elevar as taxas de juro em 0,5%, aumento esse maior do que se esperava e que constitui também a maior alta nos últimos dez anos. Tudo indica, vai continuar. A época dos juros baixos parece estar a acabar. Ao mesmo tempo, a guerra continua na Ucrânia e a Rússia anunciou a redução do fornecimento do gasoduto Nord Stream 1 para 20% da sua capacidade. O preço do gás aumentou imediatamente. Enquanto isso, o primeiro-ministro inglês demitiu-se e a Itália decidiu ir para eleições. O horizonte europeu parece sombrio.

A crise italiana é um sinal muito surpreendente. A Itália é o país com a maior dívida na Zona do Euro e é também a sua terceira economia. O governo era liderado por alguém com prestígio nacional e internacional. No meio de tanta incerteza econômica, uma crise política num dos países mais importantes era tudo o que a Europa não precisava neste momento. A pergunta é, então, por quê? O que levou a coligação que sustentava o governo Mario Draghi a se dissolver?

Entrados na análise política, devo dizer que não acredito nas razões invocadas pelos partidos que, no Parlamento, retiraram apoio ao governo (o plano econômico foi considerado insuficiente, tendo um dos partidos da maioria alegado oposição ao novo incinerador de lixo urbano em Roma). A verdadeira razão da crise, creio eu, pode mais facilmente encontrar-se em um fator: pura e simplesmente, os partidos não querem ficar com o ônus das dificuldades econômicas que estão por vir. Apoiar um governo nacional sem que nenhum dos seus líderes esteja nele já é difícil. Mais difícil ainda é pedir que, nestas circunstâncias, enfrentem a crise da inflação, a crise da energia, a crise dos juros altos. O calculismo voltou a ganhar e a impor uma crise que, vista de fora, parece absolutamente irresponsável. Todavia, para além do significado que tem para a política italiana, esta crise me parece também um péssimo sinal do que aí vem para a Europa.

Agora vêm as eleições. E o que é absolutamente desconcertante é olhar para as pesquisas publicadas. Primeiro ponto, e para mim o mais importante – a maioria das sondagens dá o partido Fratelli d'Italia na dianteira. Cerca de 24%. Esse partido é o descendente do Movimento Social Italiano, fundado por integrantes do partido fascista e só ele tem o direito legal de usar a tristemente célebre *fiamma tricolore*, o histórico símbolo do fascismo italiano. Há quatro anos, em 2018, essa legenda obteve 4,4% dos votos. Agora, em razão do declínio eleitoral da Lega e do Forza Italia, os outros partidos de direita, parte para as eleições colocado em primeiro lugar nas pesquisas. Aqui está uma coisa que nunca sonhei ver nos dias da minha vida.

Por outro lado, a esquerda vai dividida nestas eleições. O partido democrático, de centro-esquerda (o segundo nas pesquisas de opinião como uma intenção de voto próxima do primeiro), não se entende com o Movimento 5 Stelle, liderado por Giuseppe Conte, antigo primeiro-ministro, justamente por não concordar com a atitude deste de derrubar o governo. Seja como for, o que é mais perturbador é que pela primeira vez na história europeia do pós-Guerra, Giorgia Meloni, líder de um partido de extrema-direita, se apresenta como favorita ao cargo de primeira-ministra italiana.

A economia e a política sempre andaram de mãos dadas na realidade europeia, influenciando-se mutuamente. A Europa enfrenta a incerteza da continuação da guerra, a crise energética do próximo inverno, uma nova época de juros mais altos (apesar de tudo, nada que se compare com o Brasil) e uma inflação que ameaça a qualidade de vida dos cidadãos. Acresce ainda a tendência declinante do euro diante do dólar, cujas razões ainda não são claras, mas que podem ter a ver com a percepção negativa da evolução da sua competitividade e com as dificuldades que vai atravessar principalmente em duas áreas – a energia barata da Rússia acabou e as exportações de bens para a China não são o que eram. Enfim, as perspectivas não são animadoras. Todavia, se a economia europeia apresenta desafios, a política só parece agravá-los. Postas as coisas em perspetiva, em outubro o Brasil, estou convencido, dará o primeiro passo para se ver livre de um governo de extrema-direita. Na Europa, uma semana antes, no dia 25 de setembro, a Itália pode ser governada pelos descendentes políticos de Mussolini. O mal não se extingue, espalha-se. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O nosso autocrata

The Observer O pragmatismo fala mais alto e Biden paparica Mohammed bin Salman, o controverso herdeiro saudita

POR BETHAN MCKERNAN, DE JERUSALÉM

Apesar da cuidadosa coreografia da turnê de Joe Biden pelo Oriente Médio, a Casa Branca cometeu um grande erro de cálculo quando o presidente dos Estados Unidos, finalmente, ficou, pela primeira vez, cara a cara com o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman.

Antes de o Air Force One deixar Washington, o governo disse que Biden evitaria o contato físico e não apertaria as mãos devido ao aumento dos casos de Covid, medida que, como se acreditou amplamente, lhe permitiria evitar uma sessão de fotos desconfortável com o poderoso herdeiro do trono árabe. Mas a imagem dos dois líderes a se inclinarem um para o outro, com sorrisos hesitantes nos rostos enquanto tocavam os punhos fechados, pareceu mais descontraída e familiar do que o presidente norte-americano provavelmente pretendia.

Biden assumiu o cargo determinado a adotar uma linha mais firme com os autocratas amados por Donald Trump. Ele tinha uma inimizade particular com o ambicioso príncipe Mohammed, de 36 anos, que depôs seu tio para se tornar o próximo rei, travou uma guerra ruinosa no Iêmen e prendeu ou matou seus críticos.

Na campanha eleitoral, após o terrível assassinato do jornalista dissidente Jamal Khashoggi, Biden prometeu tornar a Arábia Saudita um "Estado pária". Desde então, ele se recusou a falar diretamente com o príncipe herdeiro e manteve contato com seu pai doente, o rei Salman. Pouco depois de chegar à Casa Branca, divulgou as descobertas da inteligência norte-americana – suprimidas por Trump – que concluíram que Mohammed aprovou a operação contra o jornalista do *Washington Post* no consulado saudita em Istambul.

Quando o presidente Biden falou sobre Khashoggi com o governante saudita de fato na sexta-feira 22, Mohammed supostamente revidou e acusou Washington de hipocrisia por não investigar o assassinato da jornalista palestino-americana Shireen Abu Aqleh e por permitir o abuso de detentos na prisão de Abu Ghraib, no Iraque.

Riad tem sido, no entanto, um dos parceiros estratégicos mais próximos de Washington há décadas, por uma razão que nenhum presidente norte-americano pode ignorar. Biden ouviu o canto da sereia das vastas reservas de petróleo do reino saudita: a guerra na Ucrânia desencadeou o caos nos mercados globais de petróleo, e ele não pode mais recusar o chamado.

> **O presidente dos EUA havia prometido cortar relações com quem não respeitasse os direitos humanos**

O presidente parou em Israel e nos territórios palestinos ocupados durante três dias antes de seguir para a Arábia Saudita. Encantou os líderes israelenses por seu envolvimento direto com a situação de segurança do país com o Irã e decepcionou os palestinos ao dizer que "o terreno não está maduro" para retomar as negociações de paz. Em termos de entregas, ele conseguiu pouco além da suspensão da proibição saudita de voos israelenses sobre o reino e promessas de acesso ao 4G na Cisjordânia e em Gaza.

A pompa da Terra Santa não era, porém, o foco da turnê de Biden. "As outras partes da viagem apenas justificavam a verdadeira razão pela qual Biden veio ao Oriente Médio, o encontro com o príncipe Mohammed", disse o analista político saudita Ali Shihabi. "Esta era a única coisa que importava. E não é apenas o petróleo. Biden percebeu tardiamente que a Arábia Saudita não depende mais apenas dos Estados Unidos, também tem relações importantes com a China e a Rússia. Esses países vendem armas e têm influência no Irã que os Estados Unidos não têm. O fato é que, se você quiser que algo seja feito no Oriente Médio, não pode simplesmente ignorar a Arábia Saudita."

Nunca seria fácil fazer as pazes com o líder de fato, notoriamente vingativo, de um reino onde a honra é mais valorizada que tudo. Apesar das dúvidas de muitos eleitores democratas, que acusam Biden de engavetar a promessa de que sua política externa seria baseada nos direitos humanos, o presidente foi forçado a tentar.

O petróleo Brent cru chegou a 139,13

BANDAR AL-JALOUD/SAUDI ROYAL PALACE/AFP

Quem tem petróleo tem amigos. Biden evitou o quanto pôde o contato com Bin Salman, mas a invasão da Ucrânia mudou o cenário

dólares por barril, em março, maior alta em 14 anos, e alimenta a inflação global e uma crise mundial do custo de vida. Nos Estados Unidos, a inflação está em 9,1% e acelerando, o que provavelmente significará perda de cadeiras do Partido Democrata nas eleições de meio de mandato, em novembro.

A Arábia Saudita abriga a segunda maior reserva comprovada de petróleo do mundo e é o produtor com maior influência em seu preço, mas Biden voltou para casa sem poder fazer grandes anúncios sobre o aumento da oferta global de petróleo. O máximo com que os sauditas se comprometeram publicamente foi a promessa de bombear mais petróleo se houver escassez no mercado, embora possa haver notícias mais apreciadas pelo presidente na cúpula da Organização dos Países Exportadores de Petróleo no próximo mês.

Além do petróleo, durante uma reunião do Conselho de Cooperação do Golfo em Jeddah, Biden fez questão de tranquilizar os líderes de todo o Oriente Médio de que Washington "não se afastará" da região, "deixando um vácuo a ser preenchido pela China, Rússia ou Irã". Mas a invasão da Ucrânia pela Rússia ampliou as brechas crescentes no relacionamento entre os Estados Unidos e as monarquias do Golfo, que não veem mais Washington como um baluarte confiável contra Teerã. Os petro-Estados do Oriente Médio se abstiveram notavelmente de apoiar as tentativas do governo Biden de isolar Moscou. Também é improvável que prestem atenção às mensagens do presidente norte-americano de que "o futuro será conquistado por países que liberarem todo o potencial de suas populações (...) onde os cidadãos possam questionar e criticar os líderes sem medo de represálias".

"Esta foi uma viagem simbólica e, em última análise, é uma grande vitória para Bin Salman, à custa de Biden pagar um preço político", disse Shihabi.

Valeu a pena? Pode não parecer assim no momento, mas a Casa Branca está de olho no longo prazo. Em Jeddah, Biden disse estar orgulhoso de que a "era das guerras terrestres na região, guerras que envolveram um grande número de forças norte-americanas, não está em curso". Nenhum líder dos Estados Unidos vai se comprometer com mais um Afeganistão ou Iraque. Ele também pressiona os países árabes, como a Arábia Saudita, que ainda não normalizaram as relações com Israel que o façam, a fim de aderir à emergente aliança regional de defesa contra o Irã.

Apesar da retórica sobre a manutenção da "liderança norte-americana ativa e baseada em princípios", as peças de xadrez do Oriente Médio têm se movido e os Estados Unidos estão prontos para desistir. E, embora Biden possa se tornar um presidente de um único mandato, o príncipe Mohammed bin Salman pode moldar o futuro da região por muitas décadas. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Corrida de bebês

The Observer No próximo ano, a Índia vai ultrapassar a China em número de habitantes, projeta a ONU

POR RANA MITTER*

O projeto de população global da ONU anunciou recentemente uma grande mudança na aparência do mundo. No próximo ano, a Índia, e não a China, será o país mais populoso do mundo. Neste momento, a China tem 1,43 bilhão de habitantes, contra 1,41 bilhão da Índia, mas em meados do século haverá mais de 1,6 bilhão de indianos para perto de 1,3 bilhão de chineses.

Em certo nível, esse fato deveria agradar a Pequim, que obrigou os chineses a adotarem a política de filho único durante cerca de 40 anos. Pode haver, no entanto, alguns rostos desconsolados em Pequim. A ideia de a China ser a sociedade mais populosa do mundo há muito está ligada à ascensão do país. Oficialmente, a China descarta qualquer ideia de que seja importante estar no topo dos rankings globais: em janeiro deste ano, o vice-ministro das Relações Exteriores, Le Yucheng, declarou que a nação não tinha interesse em se tornar a maior economia ou superpotência do mundo e, em vez disso, trabalharia para melhorar a vida de sua população.

Há anos, as redes sociais chinesas transbordam de vozes de confronto a exigir que o país seja o "número 1". A queda para o segundo lugar em população global provavelmente trará uma reflexão sobre essa busca por outro primeiro lugar global. Apesar das negativas de seus líderes, não há dúvida de que a China pretende se tornar a maior economia do mundo e, por algumas medidas, como a paridade do poder de compra, já é. Em termos de PIB nominal, ainda é o "número 2", atrás dos EUA, mas muitos economistas sugerem que, provavelmente, chegará ao topo no fim da década de 2020 (embora fatores inesperados, como os efeitos econômicos das quarentenas da Covid, possam atrapalhar).

A busca pelo crescimento do PIB faz parte de um projeto maior para liderar os rankings em diversas áreas. Durante as décadas de 1980 e 1990, os formuladores de políticas chineses responderam aos desafios do líder supremo Deng Xiaoping para construir um modelo que se guiasse por um conceito que chamaram de "poder nacional abrangente" *(zonghe guoli)*. Grande parte do movimento começou nas Forças Armadas, com avaliações de armamento e treinamento, mas a atenção rapidamente se voltou para fatores econômicos. Os analistas de Deng classificaram seus recursos existentes, como força de trabalho e recursos materiais e minerais, além de projetar a capacidade futura em áreas como novas tecnologias.

Perder a posição é boa ou má notícia para Pequim?

Em meados do século, a população indiana alcançará a marca de 1,6 bilhão de indivíduos

Durante a década de 1990, estudiosos discutiram até que ponto a China havia subido no ranking global. Nos anos 2000, as ambições mudaram: em vez de "poder nacional abrangente", os analistas chineses começaram a falar em termos de aumentar o *soft power* chinês – o

SANJAR HADKAR/THE TIMES OF INDIA/AFP

"poder brando", ou a capacidade de liderar outros países por meio da persuasão, e não da coerção.

Durante grande parte do período desde 1945, os Estados Unidos foram o "número 1" indiscutível nessa área. Apesar dos muitos desastres geopolíticos (Vietnã, Iraque) e de injustiças domésticas (a política racial), a capacidade dos norte-americanos de projetar uma ideia de si próprios ao redor do mundo tem sido – e continua a ser – imensamente forte. Há uma razão pela qual Xi Jinping foi apenas um dos muitos pais chineses que enviaram suas filhas para estudar nos Estados Unidos.

A China investiu imensos recursos na tentativa de se transformar em uma superpotência de *soft power* nas últimas duas décadas. O esforço teve algum sucesso, particularmente no Sul global: a ideia da China como um inovador impressionante em tecnologia tomou conta de grande parte da África Subsaariana e da América Latina, onde o fornecimento de 5G barato e eficaz superou os temores sobre segurança. Dramas e novelas chinesas de várias partes tornaram-se populares no Sudeste Asiático e começaram a criar uma audiência em alguns países africanos: no ano passado, usuários de redes sociais no Quênia se tornaram grandes fãs da série de fantasia da tevê chinesa *Os Indomáveis*. O TikTok, produto da empresa chinesa ByteDance, tem sido um divisor de águas cultural, embora parte de seu sucesso decorra de minimizar seus vínculos com o país de origem.

Até a Índia, geralmente cautelosa com as intenções geopolíticas da China, tem regularmente debates nervosos sobre por que não pode igualar o PIB chinês e o recorde de redução de pobreza. Também não pode igualar o público que a China tem para sua história sobre sua ascensão ao poder global.

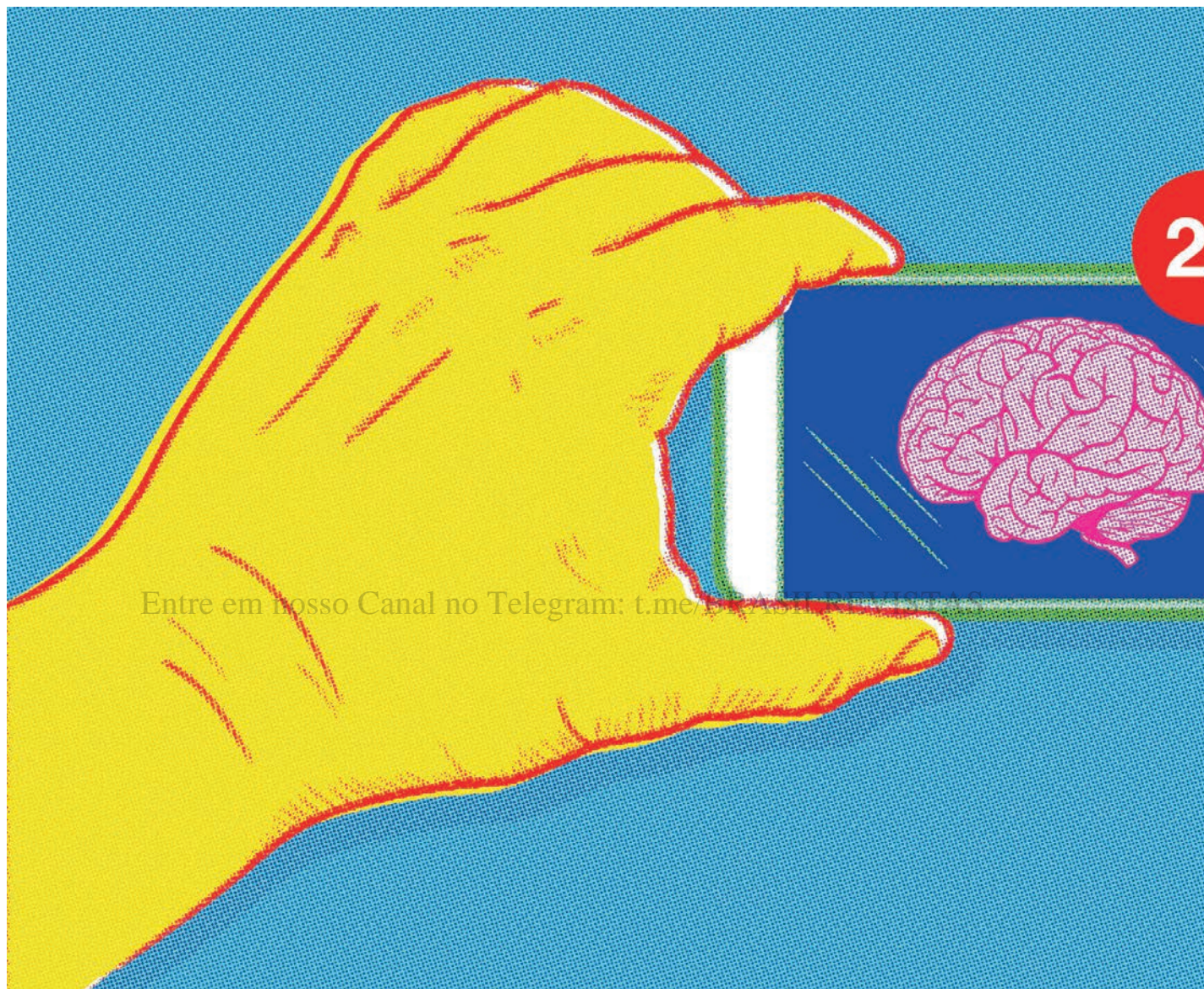
Em geral, o desejo da China de se tornar o maior gerador de poder brando estagnou, ainda ficando bem atrás dos EUA. Uma razão é o controle de cima para baixo que molda a política chinesa. Os geradores de *soft power* mais poderosos da vizinhança da China, como o mangá japonês e a música pop sul-coreana, surgiram quando seus países liberalizaram e desenvolveram uma sociedade civil. A China caminhou exatamente na direção oposta nos últimos anos. Por exemplo, as restrições impostas a Hong Kong sob a lei de segurança nacional chinesa de 2020 aumentaram a censura de filmes, juntamente com avisos de que os museus da cidade devem evitar obras de arte que possam prejudicar uma segurança nacional vagamente definida. Essa mentalidade restritiva é um obstáculo autoimposto ao desejo da China de projetar poder cultural no mundo liberal.

Além disso, o país também emite vibrações confusas sobre quão acessíveis sua própria cultura e sua sociedade realmente são. O governo argumenta que gente de fora não pode criticar sua política porque opera sob um sistema único de "socialismo com características chinesas" que não serviria a nenhum outro Estado, mas também projeta a ideia de "sabedoria chinesa" que pode funcionar como um recurso para o mundo.

O poder brando dos Estados Unidos deriva da ideia de que qualquer um – em teoria – pode tornar-se norte-americano adotando sua cultura e seus valores. A China lutou para fazer uma afirmação semelhante e consistente e, em consequência, prejudicou sua própria narrativa. Apesar de gastar centenas de milhões para aumentar sua posição no ranking mundial de *soft power,* a China oscila entre o oitavo e o décimo lugares.

Ainda não está claro o que significa para a China ser o "número 1": o PIB por si só não capta o sentido de aspiração por trás da ideia. Mas, à medida que desliza para o segundo lugar em termos de tamanho populacional, não há dúvida de que seus líderes se empenharão ainda mais para atingir esse objetivo ilusório e mal definido em áreas que ainda sentem que podem controlar. •

**Rana Mitter é professora de História e Política da China Moderna na Universidade de Oxford.*

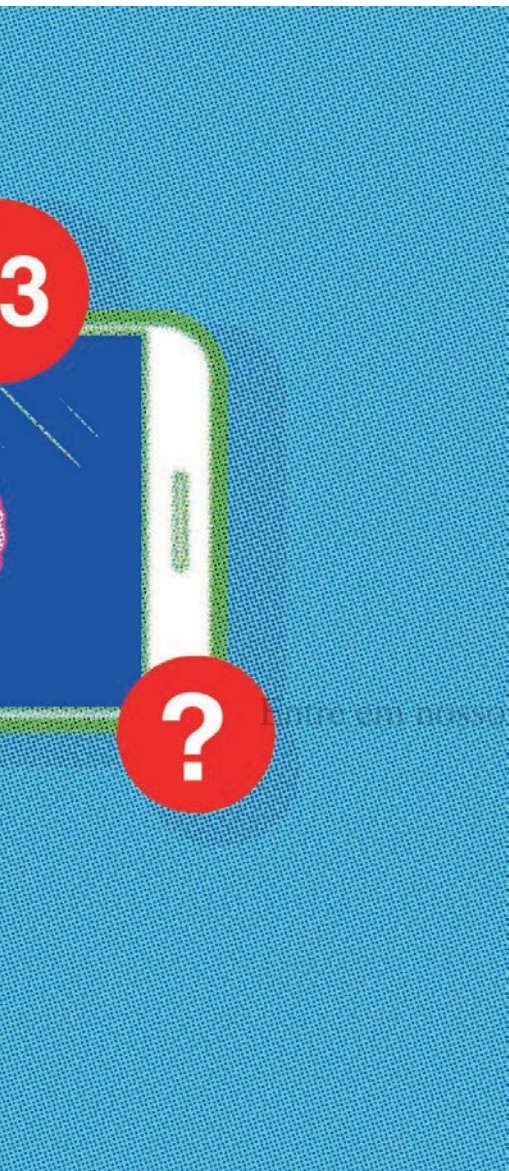
Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Amnésia digital

TheObserver Quando os smartphones passaram a formar uma complexa teia de interações com o nosso cérebro, parte da nossa memória foi terceirizada. Estará ela em risco?

POR REBECCA SEAL

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 58

Livro. Bill Gates defende a criação de uma força-tarefa global contra as pandemias

Em 2021, 80% das pessoas disseram sentir a memória mais fraca desde o início pandemia

Na semana passada, faltei a um encontro pessoal. Não tinha colocado um aviso no meu smartphone e deixei alguém que eu nunca tinha encontrado antes sozinho em um café. Mas, no mesmo dia, me lembrei do nome da atriz Janet Hubert, que interpretou a tia de Will Smith em *Um Maluco no Pedaço* (1991).

A memória é estranha, imprevisível e ainda não totalmente compreendida pela neurociência. Quando lapsos de memória como o meu acontecem, parece fácil e lógico culpar a tecnologia. Ter mais memória em nosso bolso significa que há menos em nossa cabeça? Estou perdendo a capacidade de lembrar de coisas porque espero que meu telefone faça isso por mim?

Antes dos smartphones, nossa cabeça continha um arquivo de números de telefone e nossa memória era um mapa cognitivo, construído ao longo do tempo, que nos permitia navegar. Para os usuários de smartphones, isso não é mais verdade.

Nossos cérebros e nossos smartphones formam uma complexa teia de interações: a "smartfonificação" da vida cresce desde meados do ano 2000 e foi acelerada pela pandemia. Também se sabe que períodos prolongados de estresse, isolamento e exaustão – comuns desde março de 2020 – impactam a memória.

Das pessoas entrevistadas pela pesquisadora Catherine Loveday em 2021, 80% sentiam a memória mais fraca desde a pandemia. Ainda estamos destroçados, não apenas pela Covid-19, mas também pelo terrível ciclo de notícias nacionais e internacionais. Muitos se acalmam com distrações nas redes sociais. Enquanto isso, a constante rolagem da tela pode criar sua própria angústia, e as notificações e a interrupção das atividades para verificá-las também parecem afetar as nossas lembranças.

O que acontece quando terceirizamos parte de nossa memória para um dispositivo externo? Isso nos permite esprermer cada vez mais da vida, porque não dependemos tanto de nossos cérebros nos darem pistas? Estamos tão dependentes dos smartphones que eles acabarão modificando o funcionamento de nosso cérebro, criando a "amnésia digital"? Ou apenas ocasionalmente esquecemos coisas, quando não nos lembramos dos lembretes?

Os neurocientistas estão divididos. Chris Bird, professor de neurociência cognitiva na Escola de Psicologia da Universidade de Sussex (Inglaterra), diz que sempre transferimos coisas para dispositivos externos, como bilhetes, e isso nos permitiu ter vidas mais complexas. "Não vejo problema em usar dispositivos externos para aumentar os nossos processos de pensamento ou de memória. Isso libera tempo para nos concentrarmos, focar e lembrar de outras coisas."

Bird acha que usamos os nossos telefones para lembrar de coisas que, para a maioria, são difíceis de lembrar: "Tiro uma foto do meu cartão de estacionamento para saber quando ele vence, porque é uma coisa arbitrária de se lembrar. Nossos cérebros não evoluíram para lembrar de coisas altamente específicas e pontuais".

O professor Oliver Hardt, que estuda neurobiologia da memória e do esquecimento na Universidade McGill, em Montreal (Canadá), é mais cauteloso. "Quando você para de usar a memória, ela piora, o que faz você usar ainda mais seus dispositivos", diz. "Nós os usamos para tudo. Você entra num site para ver uma receita, aperta um botão e ele envia a lista de ingredientes para seu smartphone. É muito conveniente, mas a conveniência cobra um preço."

Hardt não gosta da nossa dependência do GPS: "O uso prolongado do GPS provavelmente reduzirá a densidade da matéria cinzenta no hipocampo. A menor densidade de massa cinzenta nessa área do cérebro é acompanhada por diversos

ILUSTRAÇÃO: PILAR VELLOSO

sintomas, como maior risco de depressão e outras psicopatologias, mas também certas formas de demência".

Hardt conta que, ao examinar a capacidade espacial de quem usa GPS há muito tempo, os pesquisadores encontraram deficiências nas habilidades de memória espacial. "A leitura de mapas é difícil, e por isso a delegamos aos dispositivos. Mas coisas difíceis são boas para nós, porque envolvem processos cognitivos e estruturas cerebrais que têm efeitos em seu funcionamento cognitivo geral."

Hardt ainda não tem dados, mas acredita que "quanto menos usamos os sistemas responsáveis por coisas complexas, como memórias episódicas ou flexibilidade cognitiva, maior a probabilidade de desenvolvermos demência", diz.

O uso de GPS pode enfraquecer a memória espacial

Outros discordam. Daniel Schacter, psicólogo de Harvard que escreveu o seminal *Seven Sins of Memory: How the Mind Forgets and Remembers* (*Sete Pecados da Memória: Como a Mente Esquece e Lembra*), acredita que os efeitos de coisas como o GPS são apenas "específicos de cada tarefa".

Embora os smartphones abram novas perspectivas de conhecimento, eles também podem nos afastar do momento presente, como um lindo dia que você não vivencia por inteiro porque estava de cabeça baixa, enviando uma foto ou conversando pelo WhatsApp. Quando não estamos participando de uma experiência, é menos provável que lembremos dela adequadamente, e menos experiências lembradas podem limitar a nossa capacidade de ter novas ideias e ser criativos.

Catherine Price, autora de *How to Break Up With Your Phone* (*Como se Separar de Seu Telefone*) está convicta de que os nossos cérebros não podem ser multitarefas. "Achamos que podemos. Mas sempre que a multitarefa parece bem-sucedida é porque uma das tarefas não era cognitivamente exigente, como dobrar roupas e ouvir rádio", diz. "Se você está prestando atenção no telefone, não está prestando atenção em mais nada."

A neurocientista Barbara Sahakian, de Cambridge, também tem evidências dos prejuízos causados pela atenção parcial contínua. "Em um experimento em 2010, três grupos diferentes tiveram de completar uma tarefa de leitura", diz ela. "Um grupo recebeu mensagens instantâneas antes de começar, outro recebeu mensagens instantâneas durante a tarefa e outro não as recebeu. Depois, houve um teste de compreensão e descobriu-se que as pessoas que receberam mensagens instantâneas não conseguiam se lembrar do que tinham acabado de ler."

Catherine Price discorda, inclusive, que os smartphones nos liberem para fazer mais: "Vamos ser sinceros, quantos estão usando o tempo que o aplicativo de banco nos concede para escrever poesia? Nós apenas consumimos passivamente a porcaria no Instagram".

"Fiquei realmente interessada em saber se as constantes distrações causadas pelos dispositivos podem estar afetando também a nossa capacidade de transferir memórias para o armazenamento de longo prazo de forma a desenvolver a nossa capacidade de ter pensamentos profundos e interessantes", diz ela.

É impossível saber com certeza, porque ninguém mediu o nosso nível de criatividade antes de os smartphones decolarem, mas Catherine acha que o uso excessivo pode, sim, prejudicar nossa

capacidade de ter *insights*. Sua teoria foi apoiada pelo neurocientista e bioquímico Eric Kandel, de 92 anos, ganhador do Prêmio Nobel, que estudou como a distração afeta a memória.

O psicólogo e professor Larry Rosen, coautor de *The Distracted Mind: Ancient Brains in a High-Tech World* (*A Mente Distraída: Cérebros Antigos em Um Mundo de Alta Tecnologia*), concorda: "Distrações constantes dificultam a codificação de informações na memória".

Para Oliver Hardt, os telefones exploram nossa biologia. O ser humano é um animal vulnerável. Se não fomos extintos, segundo ele, é porque temos um cérebro superior: para evitar a predação e encontrar comida, tivemos de ser muito bons em prestar atenção ao nosso ambiente. "Nossa atenção pode mudar rapidamente, e quando isso acontece tudo o que estava sendo atendido para. Por isso não podemos ser multitarefas", defende.

Os neurocientistas estão divididos a respeito dos efeitos do smartphone sobre o cérebro

"Quando você está na selva e ouve um galho se quebrando, você dá total atenção a isso – o que é útil, causa uma reação curta de estresse e ativa o sistema nervoso simpático. Otimiza suas habilidades cognitivas e prepara o corpo para lutar ou fugir", diz ele. "Agora, 30 mil anos depois, cada notificação que ouvimos é um galho se quebrando na floresta."

O uso de smartphones pode até modificar o cérebro, segundo um estudo em andamento que acompanhará mais de 10 mil crianças norte-americanas até a idade adulta. O trabalho começou com o exame de crianças de 10 anos com medidas de papel e lápis e uma ressonância magnética. "Um de seus primeiros resultados foi que havia uma relação entre o uso de tecnologia e o afinamento cortical", diz Larry Rosen, que estuda redes sociais, tecnologia e cérebro. "Crianças pequenas que usam mais tecnologia tinham um córtex mais fino, o que deveria acontecer numa idade mais avançada."

Para Catherine Price, ninguém deveria ser multitarefa

COLIN LENTON E ISTOCKPHOTO

Obviamente, o gênio do smartphone saiu da garrafa e precisamos de smartphones para acessar escritórios, participar de eventos, pagar viagens e servir como ingressos, passes e cartões de crédito, bem como para e-mails, chamadas e mensagens. Se estamos preocupados com o que eles – ou seus aplicativos – podem causar à nossa memória, o que devemos fazer?

Rosen discute uma série de táticas em seu livro. "Meus favoritos são os intervalos técnicos, em que você começa fazendo qualquer coisa em seu aparelho durante um minuto e depois define um alarme para 15 minutos", diz. "Silencie seu telefone e coloque-o de cabeça para baixo, mas em seu campo de visão, como um estímulo para dizer ao seu cérebro que você terá outro intervalo técnico de um minuto após o alarme de 15 minutos. Continue até se adaptar ao tempo de foco de 15 minutos e depois aumente para 20. Se conseguir 60 minutos de tempo de foco, com pequenas pausas técnicas antes e depois, será um sucesso." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

"A inovação é o meu martelo"

The Observer Em seu novo livro, Bill Gates contorna o tema das *fake news* a respeito das vacinas e defende a criação de uma equipe de 2 mil bombeiros antipandemias

POR MARK HONIGSBAUM

Você teria de viver sob uma rocha para não saber que estamos no meio de uma das pandemias mais devastadoras da história. O nível de devastação ficou claro quando, em maio, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou um relatório com a estimativa de que o excedente global de mortes causadas pela pandemia é de 15 milhões – quase três vezes a contagem oficial de óbitos por Covid-19. Outras autoridades pensam que o excesso de mortes global pode estar mais próximo de 18 milhões.

São números terrivelmente grandes, mas que, em comparação com a pandemia de gripe espanhola, de 1918-1919, empalidecem. A gripe espanhola matou cerca de 40 milhões de pessoas – o equivalente a cerca de 150 milhões em todo o mundo, usando os números atuais da população.

Então, por mais sofrida que a Covid venha sendo, ela não é "a grande" pandemia. De acordo com Bill Gates, esse espectro nos espera em um futuro não muito distante e, por isso, seria bom começarmos a nos preparar agora. "Será tentador supor que o próximo grande patógeno será tão transmissível e letal quanto a Covid e tão suscetível a inovações como vacinas de mRNA. Mas, e se não for?", escreve ele em seu novo livro, *Como Evitar a Próxima Pandemia*, lançado no Brasil na sexta-feira 15.

É uma boa pergunta. A proposta de Gates é, essencialmente, que devemos fazer mais do que já estamos fazendo, e melhor e mais rápido. Ninguém pode dizer se a próxima pandemia será causada por um Coronavírus, Influenza ou algum patógeno que ainda não avaliamos. De toda forma, com sistemas de vigilância e diagnósticos laboratoriais melhores deveremos conseguir identificar rapidamente o culpado e elaborar contramedidas médicas antes que o surto tenha a chance de sair do controle.

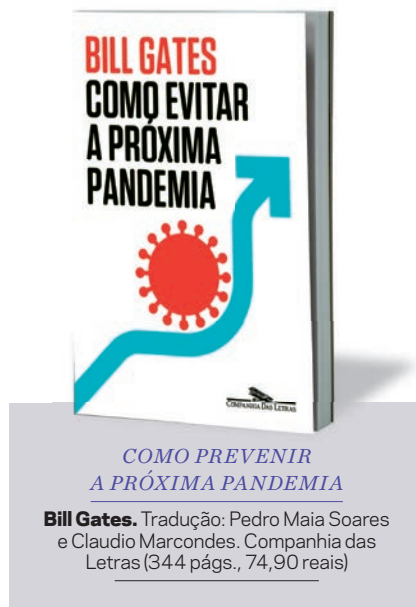
Acima de tudo, escreve Gates, precisamos "praticar, praticar, praticar", realizando regularmente treinamentos para pandemias e financiando uma equipe de 2 mil "bombeiros" globais de pandemia. Gates, que gosta de siglas, rotula essa equipe de *Germ*, abreviação de "Resposta e Mobilização à Epidemia Global", em inglês.

COMO PREVENIR A PRÓXIMA PANDEMIA

Bill Gates. Tradução: Pedro Maia Soares e Claudio Marcondes. Companhia das Letras (344 págs., 74,90 reais)

Ele reconhece, no entanto, que tais medidas não valerão nada se, tendo identificado brechas em nossos sistemas de resposta à pandemia, não as corrigirmos. Em 2016, por exemplo, o Exercício Cygnus, da Grã-Bretanha, identificou lacunas na prontidão do Reino Unido para uma pandemia de gripe, incluindo estoques insuficientes de equipamentos de proteção, mas ninguém agiu de acordo com as recomendações, deixando o Reino Unido implorando equipamentos de proteção de outros países quando o desastre aconteceu.

Da mesma forma, os planejadores dos Estados Unidos sabiam, há muito tempo, que o diagnóstico em massa seria crucial no caso de uma pandemia. No entanto, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças não conseguiram implantar os testes de Covid na escala necessária, dificultando o rastreamento de contatos e medidas eficazes de isolamento. Para piorar, por causa do sistema federativo de governo dos Estados Unidos, os governadores estaduais, muitas vezes, não tinham certeza de quem respondia pelo quê.

O resultado foi que os Estados Unidos sofreram uma das maiores taxas de mortalidade por Covid-19 no mundo. Por outro lado, países como Cingapura, Vietnã e

Catástrofes. Gates, embora se diga um "tecnófilo", não leva em conta as incertezas da ciência ou o risco representado pelas teorias da conspiração a desafiar o pensamento racional

JOHN KEATLEY E K.B. MPOFU/ILO

Canadá, que foram duramente atingidos pela Sars em 2003 e absorveram as lições, responderam rápida e decisivamente ao Sars-CoV-2, como é conhecido o Coronavírus que causa a Covid-19.

Até agora, tudo parece muito lógico. Mas, se prevenir pandemias fosse simplesmente uma questão de melhor logística e confiança em cientistas especializados, certamente já teríamos resolvido o problema. Se isso não aconteceu, é porque a ciência está cheia de incertezas. Especialmente nos estágios iniciais de uma pandemia, não haver dados confiáveis sobre a infectividade de um patógeno e seu modo de propagação.

Além disso, os cientistas são propensos a pontos cegos. Em 2014, por exemplo, poucos especialistas pensavam que o Ebola, um vírus que já havia causado surtos na África Central, representasse uma ameaça para países da África Ocidental, como Serra Leoa e Libéria. Da mesma forma, apesar da experiência do Sars, poucos especialistas pensaram, antes que fosse tarde, que o Sars-CoV-2 fosse capaz de disseminação assintomática

Em outras palavras, prevenir pandemias é um problema tanto epistemológico quanto técnico. Podemos nos preparar para ameaças pandêmicas conhecidas, mas os chamados eventos do Cisne Negro são, por definição, incognoscíveis e imprevisíveis. Se esse problema ocorreu a Gates, ele faz um bom trabalho em disfarçá-lo. "Sou um tecnófilo", explica sem remorso. "A inovação é o meu martelo."

Ele tampouco está interessado em abordar o papel da Tecnologia da Informação na divulgação de teorias da conspiração sobre vacinas ou desinformação sobre a eficácia dos bloqueios e obrigatoriedade de usar máscaras. Isso é surpreendente, uma vez que Gates foi acusado de usar vacinas para plantar microchips em populações inocentes e é um alvo proeminente dos antivacinas. Mas, em vez de pedir que uma equipe de reação rápida neutralizasse notícias falsas sobre vacinas, Gates evita a questão, escrevendo que confia em que "a verdade sobreviverá às mentiras".

Eu não compartilho seu otimismo. De todo modo, a experiência da Covid demonstra que as teorias da conspiração agora apresentam um grande empecilho para a gestão de pandemias seguindo linhas científicas racionais. Não importa o Germ. O que é necessário é uma "Equipe de Resposta à Desinformação". •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Assombrações contemporâneas

IDEIAS O modo de produção capitalista, na visão de Mark Fisher, suga a energia vital

POR KELVIN FALCÃO KLEIN

Mark Fisher tornou-se conhecido na internet no início dos anos 2000, por meio do blog "k-punk". Chamava atenção a variedade de temas e artefatos culturais comentados: música, cinema e literatura, filosofia e programas de tevê, inovações tecnológicas e tendências mercadológicas.

Aos poucos Fisher estabeleceu-se como figura proeminente no debate das ciências humanas, atuando dentro e fora da academia, publicando seus livros e editando coletâneas e periódicos. Seu suicídio, em janeiro de 2017, reforçou de modo amargo aquela que foi sua principal hipótese: o modo de produção capitalista, fundado na velocidade, na superficialidade e na obsolescência, suga a energia vital dos indivíduos, mascarando o processo como "livre iniciativa". A angústia e a depressão seriam, nesse sentido, problemas sistêmicos.

Dois de seus livros chegaram recentemente ao Brasil: *Realismo Capitalista* e *Fantasmas da Minha Vida: Escritos Sobre Depressão, Assombrologia e Futuros Perdidos*. As edições são caprichadas, e trazem aparatos que auxiliam o leitor na contextualização do pensamento de Fisher.

Realismo Capitalista diagnostica a falta de imaginação de uma sociedade globalizada que se crê sem alternativas.

Gentrificação. O autor olhava para a Londres de 2021, transformada pelos Jogos Olímpicos, e lamentava o fim dos "vazios e cavernas" da época do punk

Partindo da ideia – amplamente difundida nos anos seguintes – de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, Fisher argumenta que o "realismo capitalista" impôs uma mentalidade empresarial que contaminou todas as camadas da sociedade – da cultura à educação, passando pela saúde, pela vida familiar e pela criação dos filhos, tudo deve ser gerido e otimizado.

A disseminação dessa lógica levou ao desmoronamento da capacidade de "elaboração simbólica". Em vez de processar a própria vida seguindo valores conscientemente adquiridos, o indivíduo transforma-se em um "consumidor-espectador", que segue "tendências" e aplica à própria vida, sem modulação, o que é ditado pela moda.

O que torna o pensamento de Fisher particularmente instigante é o modo como ele relaciona elementos abstratos – as teorias de Jameson ou Lacan, por exemplo – com trajetórias concretas do universo pop, passando por Michael Jackson, Kurt Cobain, Frank Miller, Quentin Tarantino e Pixar.

Em *Fantasmas da Minha Vida*, o panorama se transforma: no conjunto de ensaios, Fisher mescla suas vivências à análise crítica de filmes, livros e a conceitos teóricos. A partir da ideia de "assombrologia", tirada de Jacques Derrida, ele singra por temas como a relação entre memória e nostalgia, o fim das perspectivas de futuro e a latência dos desejos inconscientes.

Esse conceito busca descrever o modo como a cultura contemporânea é perseguida por "futuros perdidos", muitos deles inviabilizados por regimes de prevalência neoliberal. Seu objetivo é construir uma voz crítica que leve em conta não apenas a dimensão abstrata dos conceitos, mas o modo como a subjetividade é afetada pelos discursos e objetos.

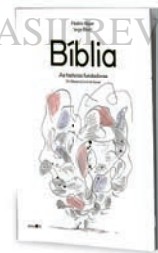
Como fez Freud em *A Interpretação dos Sonhos*, Fisher toma as próprias obsessões como pontos de partida para as reflexões sobre o mundo. Um exemplo do registro autobiográfico está em sua relação com Londres. Ao caminhar pela cidade transformada pelos projetos para os Jogos Olímpicos de 2012, Fisher reflete que, na época do punk, ainda havia "vazios e cavernas", espaços que poderiam ser temporariamente ocupados e habitados. Com os espaços privatizados, a energia da cidade é usada para pagar hipotecas e aluguéis – uma observação que liga o pessoal ao coletivo e toca em uma realidade que muitos reconhecemos e lamentamos. •

FANTASMAS DA MINHA VIDA
Mark Fisher. Autonomia Literária (288 págs., 64 reais)

REALISMO CAPITALISTA
Mark Fisher. Autonomia Literária (218 págs., 50 reais)

VITRINE

POR ANA PAULA SOUSA

No processo de resgate das vozes femininas, ganha nova existência a baiana Amélia Rodrigues (1861-1926), autora do romance *O Mameluco* (paraLeLo13S, 220 págs., 82,90 reais), publicado em forma de folhetim, em 1882, e só agora lançado em livro, a partir do prêmio Rumos, do Itaú Cultural.

Bíblia – As Histórias Fundadoras, do Gênesis ao Livro de Daniel (Editora 34, 504 págs., 198 reais), sucesso francês, chega ao Brasil em uma linda versão. O livro traz 35 histórias do Antigo Testamento recontadas por Frédéric Boyer e ilustradas, de forma expressiva, por Serge Bloch.

A escritora norte-americana Jennifer Ackerman insere-se na linhagem de autores que exploram a riqueza da vida de seres cuja complexidade nos escapa. Em *A Inteligência das Aves* (Fósforo, 368 págs., 89,90 reais), ela destrincha o pequeno cérebro dos seres que têm asas para voar.

LINDSAY UELLING E REDES SOCIAIS

O hiperbólico Herzog

PROTAGONISTA No livro *O Crepúsculo do Mundo* e no documentário *Fireball*, o cineasta alemão persegue o insólito

POR CÁSSIO STARLING CÁSSIO

Exótico", "insólito" ou "extraordinário" são termos que acompanham a maioria dos comentários sobre os filmes de Werner Herzog. Depois de mais de 50 anos alimentando o nosso imaginário com ficções e documentários sobre pessoas e eventos inusitados, o cineasta alemão aventura-se como escritor.

O Crepúsculo do Mundo não é, rigorosamente, o primeiro texto literário de Herzog. Em *Caminhando no Gelo*, publicado em 1978, ele narrou o esforço físico e os transes místicos durante a peregrinação a pé entre Munique e Paris, que fez como sacrifício para tentar salvar a historiadora Lotte Eisner de uma doença grave. *Conquista do Inútil* (2004) reuniu memórias de sua notória falta de limites durante a produção de *Fitzcarraldo* na selva amazônica, no fim dos anos 1970. O novo livro ultrapassa, porém, as convenções dos relatos em primeira pessoa e cria uma história ao mesmo tempo próxima e distinta daquelas que predominam em sua obra cinematográfica.

Sobram equivalências entre Onoda, protagonista do romance, e os personagens obsessivos de *Aguirre, a Cólera dos Deuses* (1972), *Fitzcarraldo* (1982), *O Pequeno Dieter Precisa Voar* (1997) e *O Homem Urso* (2005).

Onoda, tenente do Exército japonês, permaneceu 30 anos escondido numa selva nas Filipinas combatendo inimigos sem saber que a Segunda Guerra havia acabado em 1945. A história real do militar inclui um epílogo ambientado no Brasil, onde ele viveu anos mais tarde em uma fazenda a criar gado em Mato Grosso. Tal como acontece com seus irmãos herzoguianos, Onoda vê a linha tênue que separa razão e irracionalismo esgarçar-se em meio à natureza, quando corpo e mente ficam submetidos ao desafio único da sobrevivência.

O interesse do romance não se reduz, contudo, à integração de mais um personagem à galeria de alucinados que fascinam Herzog. Ao trocar a tela pelo papel, o diretor explora as possibilidades diversas de cada uma dessas linguagens. Quem conhece os inúmeros documentários de Herzog reconhece a voz cavernosa que não apenas narra, mas comenta, se intromete no que vê. No lugar de narrador literário, ela torna-se mais híbrida. Sua personalidade hiperbólica domina a situação temática, mas é absorvida pela interioridade da personagem que se sobrepõe ao relato, torna indistintos o relato realista e as visões, o fluxo de impressões de Onoda.

O Crepúsculo do Mundo é quase uma descrição experimental para um cineasta que tantas vezes se projetou

Mistério. *Fireball*, parceria de Herzog com o geocientista Clive Oppenheimer, investiga os impactos dos asteróides na Terra e na imaginação humana

em seus personagens, mas que sempre tomou o cuidado de os filmar a certa distância, registrando, fascinado, as oscilações da razão alheia.

O texto literário dá a Herzog a chance de descrever e de se perder. Reafirma seu gênio cinematográfico na construção de espaços, ações e suspenses. Mas também se deixa ser arrastado pelo fluxo de percepções de Onoda – não importa se o que lemos é real ou delírio.

A curiosidade incessante e quase insana que leva Herzog à aventura literária também está por trás de seu mais recente trabalho como cineasta. *Fireball: Mitos, Cometas e Meteoros,* documentário de 2020 disponível na AppleTV, parte em busca dos impactos deixados pela queda de asteroides na superfície do planeta e na imaginação humana.

O subtítulo original, *Visitantes de Mundos Sombrios,* deixa mais claro o interesse de Herzog por um tema que seria banal na grade do Discovery. O cineasta alemão, acompanhado pelo codiretor, o geocientista Clive Oppenheimer, percorre o mundo em busca de crateras quilométricas e microgrãos de poeira cósmica. Retrata viajantes chegados de lugares que não existem mais e vindos de tempos cósmicos e geológicos anteriores à vida na Terra.

Meteoros são associados a hipóteses sobre a origem da vida no planeta e ao processo de extinção dos dinossauros. Eles foram interpretados como dádivas divinas e como mensagens de punição.

Um templo a Shiva construído no interior de uma cratera na Índia evoca o poder dessa divindade de aniquilar e recriar. A fusão entre vida e morte dá as caras no Dia de Finados em Mérida, no México, próximo de onde aconteceu, provavelmente, a mais cataclísmica queda de um asteroide. Segundo os habitantes de um pequeno arquipélago na Oceania, eles matam e também transportam as almas para um novo ciclo.

Em meio a essas fascinantes leituras simbólicas, Herzog e Oppenheimer entrevistam cientistas quase maníacos que coletam, examinam, preservam e perseguem meteoros de todos os tamanhos. Pois há desde os imensos, que podem extinguir a vida na Terra, até os minúsculos, que, imperceptíveis, engolimos ao tomar uma xícara de café ao ar livre.

A multiplicação de exemplos e a capacidade de capturar o entusiasmo dos cientistas com as descobertas reiteram o fascínio de Herzog pelas naturezas extraordinárias. Esses obsessivos são também grandes descobridores. E falam com um entusiasmo comum aos possuídos, religiosos e visionários. É por meio da racionalidade científica, não das interpretações transcendentes, que *Fireball* voa longe.

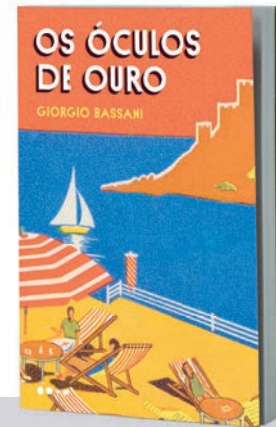
Os exploradores, os excêntricos e os pioneiros identificados como a marca de Herzog cristalizaram a leitura que vincula o cineasta alemão à tradição romântica do excesso, do indivíduo consumido pela natureza.

Fireball e *O Crepúsculo do Mundo* trazem outra face dessa herança, a do sublime. Nessas obras, a razão não se esgota na tentativa de dominar a natureza. Ela aprendeu a contemplar o mistério e admira o que a ultrapassa. •

O CREPÚSCULO DO MUNDO

Werner Herzog. Todavia (96 páginas , R$ 54,90)

REDES SOCIAIS

O italiano também escreveu *O Jardim dos Finzi-Contini*

OS ÓCULOS DE OURO

Giorgio Bassani. Tradução: Maurício Santana Dias. Editora Todavia (110 págs., 59,90 reais)

Nas frestas do cotidiano

RESENHA EM *OS ÓCULOS DE OURO*, GIORGIO BASSANI DESCREVE COM SUTILEZA A INFILTRAÇÃO DO PENSAMENTO FASCISTA

POR JOSÉ GERALDO COUTO

Fora da Itália, Giorgio Bassani (1916-2000) é celebrado sobretudo como autor de *O Jardim dos Finzi-Contini*, levado ao cinema em 1970 por Vittorio De Sica. Mas *Os Óculos de Ouro*, o pequeno romance semiautobiográfico que publicou quatro anos antes, não lhe fica atrás, seja em estatura literária, seja em contundência política.

Como na maioria das obras de Bassani, a ação se passa quase toda em Ferrara, cidade onde o escritor passou a maior parte da infância e da juventude. O momento é entre 1936 e 1938, às vésperas da decretação das leis raciais na Itália fascista. A história é narrada retrospectivamente, em primeira pessoa, por um homem judeu maduro, que, na época dos fatos, era pouco mais que um adolescente recém-ingressado na faculdade de Letras, em Bolonha, a grande cidade da região da Emilia-Romagna.

O elusivo protagonista das reminiscências do narrador é um certo doutor Athos Fadigati, médico otorrino que se estabelecera em Ferrara duas décadas antes, vindo de Veneza. Solitário, de hábitos reclusos, Fadigati vai, aos poucos, sendo percebido como homossexual. De início, essa condição é mais sugerida, no mais das vezes com maldade, do que explicitada. "Bastava um gesto ou trejeito. Bastava apenas dizer que Fadigati era 'assim', que era um 'daqueles'."

A revelação da homossexualidade do médico solteirão numa sociedade regida pela mentalidade fascista, com seu culto à virilidade, assume ares de escândalo e infâmia. Mais nas entrelinhas do que no discurso, insinua-se uma crescente solidariedade, para não dizer identificação, entre o narrador, oriundo de uma família judia de classe média, e o estigmatizado Fadigati, a despeito da pressão surda da família e dos amigos para que dele mantivesse distância.

A maestria de Bassani – ele próprio um intelectual judeu que militou na resistência antifascista e chegou a ser preso em 1943 – consiste em retratar com sutileza a infiltração da ideologia fascista na vida cotidiana e nas relações interpessoais, realçando, por contraste, a brutalidade dos tempos, com uma linguagem límpida e elegante, preservada na excelente tradução de Maurício Santana Dias.

A propósito, *Gli Occhiali d'Oro* também virou filme, dirigido em 1987 por Giuliano Montaldo, com Philippe Noiret no papel do doutor Fadigati. Salvo engano, nunca foi lançado no Brasil. •

AFONSINHO

Alegria e tristeza

▶ A emoção de voltar a ver um jogo na Vila Belmiro e a angústia de assistir à correria desenfreada

Ao passar por São Paulo, não resisti e desci a serra para assistir a Santos e Botafogo na expectativa de reencontrar velhos companheiros e acompanhar um "clássico" sensacional, iludido pela memória de momentos inesquecíveis entre os dois melhores times que o nosso fabuloso futebol produziu em sua história.

O ambiente em torno do aconchegante estádio da vila famosa talvez tenha sido o melhor que possa recordar em minha longa lembrança de torcedor contumaz. Cheguei cedo. Desembarquei do ônibus de São Vicente que circula perto do estádio. Em frente à antiga entrada dos vestiários do time da casa, quase idêntico ao antigo Bar do Galhardo, agora do Alemão, começava a se reunir a torcida santista, enquanto uma senhora preparava um pernil enorme para fazer o concorrido e robusto sanduíche que matou minha fome de viajante sem almoço.

Na outra esquina, outro grupo de torcedores se formava num clima admirável de confraternização entre boa quantidade de moças e crianças, apesar do horário ingrato para um jogo de meio de semana num dia com chuvisco intermitente*. De posse do ingresso oferecido pelo amigo Rogério, filho do maestro Zito, o ponto de equilíbrio do Santos de seus melhores dias, dei a volta no estádio, passando por mais uma esquina de outro bar onde a Torcida Jovem santista se reunia em grande harmonia, preparando-se para o jogo promissor.

Era, bem verdade, praticamente um jogo de torcida única. Havia num canto da arquibancada um grupo de botafoguenses renhidos que fizeram valer sua presença. Chegamos às cadeiras situadas a pouca distância do gramado, ótimo lugar, dava a sensação de fazer parte do jogo, dentro do campo, mas... Aí "o bicho pega". Mal começada a partida, torcedores vizinhos, notadamente torcedoras, esgoelavam-se aos gritos de palavrões escabrosos, comuns nas circunstâncias, embora sem consonância com o que acontecia em campo em termos de futebol, melhor dizendo, o que não acontecia.

Sem essa de saudosismo, mal iniciada a partida bateu a sensação de não querer mais ver jogos de futebol "profissional", uma correria desenfreada, perde-ganha o tempo todo e número elevado de passes errados, provocados talvez pela marcação cerrada e o desperdício de uma quantidade brutal de força física e choques desordenados entre jogadores. O futebol tornou-se "perigoso", um jogo de grande risco. Tenho insistido nestes últimos relatos, mas parece que chegamos ao auge dessa "noite dos desesperados".

Pois bem, nem transcorrida uma semana, leio reportagem com as famosas análises de comentaristas de computadores, a justificar os resultados irregulares do Botafogo pelas porcentagens e números absolutos de jogadores entregues ao departamento médico, inclusive a quantidade de casos cirúrgicos. Não se fala no comportamento a que são levados os jogadores, ou melhor, "pilotos suicidas", a julgar pela natureza dos choques descoordenados que levam ao extremo de traumatismos cranianos recorrentes, como o sucedido ao excelente zagueiro Cuesta. Passaram dos limites aceitáveis aquelas desculpas esfarrapadas de futebol ser um "esporte de contato".

No jogo entre Chapecó e Grêmio, o time gaúcho teve seu lateral direito expulso depois de atingir com os cravos da chuteira o pescoço e o rosto, pasmem, do centroavante catarinense de 2 metros de altura. As imagens devem servir de documentos.

Pobre do jovem "atleta", nunca aceitei ser chamado assim, sempre fui jogador de futebol sem nunca desconsiderar a necessidade da forma física, mas nunca confundindo a tendência por um esporte. Uma bola não chega a pesar 1 quilo, por que então a necessidade de malhar com pesos de 50 quilos ou mais?

Outra reportagem destes dias pretendeu classificar os maiores, deveria ser os melhores, técnicos do futebol brasileiro. Estarrecedor olhar uma lista enorme sem constar os nomes de jogadores lendários que se destacaram por serem os armadores por excelência, pensadores do jogo, "cérebros do time" que quase nunca ou nunca mesmo tiveram oportunidade nas seleções brasileiras. Dois exemplos bastam, Zizinho e Didi. Triste, mas ficam claros os critérios da nossa sociedade a se revezar ao sabor dos poderosos da ocasião, os técnicos autoritários dissimulados como "disciplinadores". Ajudam a entender a "saga brasileira".

*A impressão que me ficou do ano em que passei em Santos foi essa de que choveu em todos os dias, a começar pelo sufoco da estreia no campo arenoso encharcado e coberto com aquela grama de folhas largas que exigia esforço redobrado. Felizmente, tudo saiu bem, mesmo com a alergia braba do clima frio e úmido na concentração da Chácara Nicolau Moran, às margens da Represa Billings. Restaram as amizades eternas que sempre foram o grande capital da minha carreira. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

CORRIDA ELEITORAL
VOU ACABAR COM A FOME E COM O DESEMPREGO!
VOU ACABAR COM A PETEZADA!
VOU MANDAR IR À MERDA!
1
2
3
VENES

Os quatro anos de um governo que desmontou sistemas de proteção, autorizou a violência e abriu territórios a garimpeiros e desmatadores impõem aos poucos indígenas brasileiros um risco que só tem precedentes na ditadura.

No Dia Internacional dos Povos Indígenas, *CartaCapital* e o Instituto Socioambiental unem-se em um seminário virtual sobre o tema. Mais que um balanço da destruição patrocinada por Jair Bolsonaro, o evento carrega também um clamor de esperança, apontando caminhos para a retomada do respeito aos povos tradicionais e das políticas indigenistas.

Calendário do evento

Mesa 1

9.8.2022 - 9h: "O Efeito Bolsonaro e Como Revertê-lo"

Mesa 2

9.8.2022 - 10h30: "A Batalha pela ADPF 709"

Participantes confirmados

Angela Kaxuyana
APIB

Daniel Sarmento
UERJ

Eloy Terena
APIB

Juliana Batista
ISA

Manuela Carneiro da Cunha
USP/UChicago

Marcio Santilli
ISA

Faça a sua inscrição no *site*:
dialogoscapitais.com.br

Apoio:

Parceiro: